

ORGANIZAÇÃO:  
JOSÉ FELICIO  
MÁRCIO MARTELLI



# PANDEMIM

a **pandemia** em mim

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ FELICIO | MÁRCIO MARTELLI



# PANDEMIM

a **pandemia** em mim

ORGANIZAÇÃO:  
JOSÉ FELICIO  
MÁRCIO MARTELLI

A close-up photograph of a hand holding a single water droplet between the thumb and index finger. The droplet is suspended just above a small, vibrant green seedling with two leaves, which is growing out of dark, rich soil. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting a natural, outdoor setting. The lighting is bright and natural, highlighting the textures of the skin, the water droplet, and the plant.

# PAN DE MIM

a **pandemia**  
em mim



# PANDEMIM

a **pandemia** em mim

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ FELICIO & MÁRCIO MARTELLI



**Elaboração da ficha catalográfica**

Gildenir Carolino Santos  
(Bibliotecário)

**Editor responsável**

Márcio Martelli

**Revisão gramatical**

José Felício Ribeiro De Cezare

**Organização**

José Felício Ribeiro De Cezare  
Márcio Martelli

**Editoração e acabamento**

Editora In House

**Capa, projeto gráfico e editoração**

Márcio Martelli

**Ilustrações**

Designed by Freepik.com

designed by  freepik.com

Catálogo Internacional na Publicação (CIP)  
elaborada por Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

P192 Pandemim [recurso eletrônico]: a pandemia em mim / organização: José Felício Ribeiro De Cezare, Márcio Martelli. – Jundiaí, SP: Ed. In House, 2021.  
1 recurso online (158 p.): il.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.  
ISBN: 978-65-86978-74-2

1. Poesia brasileira. 2. Contos brasileiros – Epidemias. 3. Epidemias – Literatura brasileira. 4. Covid-19 – Literatura brasileira. I. De Cezare, José Felício Ribeiro (org.) II. Martelli, Márcio (org.). III. Título.

21-001EBK

20ª CDD – B869.15

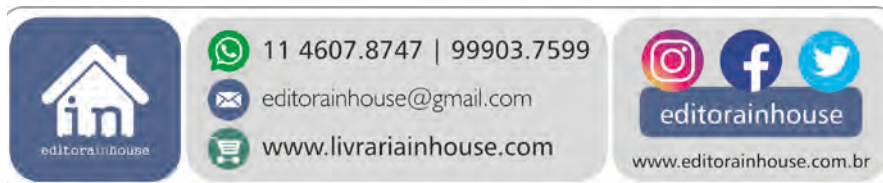
1ª edição – julho – 2021  
ISBN: 978-65-86978-74-2

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House, que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Os textos aqui reproduzidos são obras de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, julho de 2021.





“Fé inabalável é somente aquela  
que pode encarar a razão face a face,  
em todas as épocas da humanidade.”

[ Allan Kardec ]

# Homenagem

O grupo **Palavras Sem Fronteiras** presta singela homenagem aos que partiram para outras esferas da espiritualidade, nesse momento tão difícil que enfrentamos, e, em especial, à **Sra. Maria Moreira Dieckmann**, mãe do nosso amigo, integrante do grupo, o poeta Jefferson Luiz Moreira Dieckmann, Presidente da **Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana**, de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, com quem, em nome de todo o



grupo, compartilhamos nosso sincero e afetuoso abraço, estendendo-o a todos aqueles que perderam entes queridos, quer em razão da pandemia, quer em razão de outros males.

Através de texto de autoria de **Susana Ferretti**, integrante do PSF e Presidente da **Academia Jundiense de Letras - AJL**, de Jundiáí, São Paulo, exprimimos a nossa solidariedade.

**Os organizadores**

# Nossos silêncios

---

Tempo presente de insólitas incertezas  
Nos deixa como galhos vergando  
Diante da forte chuva e do vendaval.  
E, quando súbito raio atinge a nossa árvore,  
Percebemos que uma das nossas raízes  
Foi apartada pela força da natureza.  
O primeiro impulso é triste brado  
Para resistir à inesperada dor.  
Depois, infinitas lágrimas vertem  
Pelos olhos, alma e coração.  
O temporal amaina e passa,  
Mas a saudade não mais.  
Quando novas folhas e flores brotarem,  
Quando novos frutos amadurecerem,  
Ainda estará em nós a raiz arrancada.  
Levaremos, na memória, a sua fortaleza  
Que nos sustentava e, em perfeito equilíbrio,  
Deixava nossos troncos e ramos  
Mais firmes em ventanias e tempestades,  
Mais alegres em qualquer simples felicidade,  
E menos silentes os nossos espíritos.

Susana Ferretti



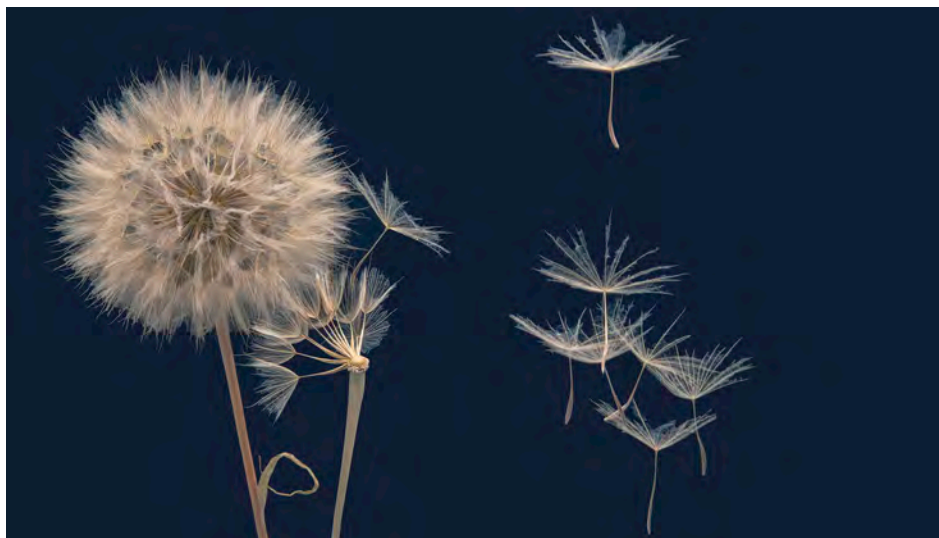


# Sumário

<b>Prefácio</b> por José Felício.....	11
<b>UM POUCO DE PROSA</b> .....	13
<b>Susana Ferretti</b> .....	15
E você sabe... eu nunca choro!.....	16
<b>Luiz Haroldo Gomes de Soutello</b> .....	19
Retornando aos velhos hábitos.....	20
<b>João Carlos José Martinelli</b> .....	23
O momento pressupõe absoluta solidariedade.....	24
<b>Antônio Luiz Amadesi Gomes</b> .....	25
Corpus Christi antecipado .....	26
<b>Valderez de Mello</b> .....	29
A verdadeira pandemia .....	30
<b>Marilzes Senff Petroni</b> .....	33
Tudo passa .....	34
<b>Márcio Martelli</b> .....	35
Em pandemim! .....	36
<b>Susana Bueno de Souza</b> .....	39
Doce lembrança .....	40
<b>Jefferson Dieckmann</b> .....	43
“Pandemim” e em nós.....	44
<b>Ariadne Rodrigues de Moraes</b> .....	45
Eu e o vírus.....	46
Eu sobrevivi... ..	48
<b>Kelly Cristina Galbieri</b> .....	51
Os sentimentos que brotaram nesta pandemia .....	52
<b>Franciele de Souza</b> .....	55
A falta que me faz .....	56
<b>David Ferreira</b> .....	57
Panda & Mia .....	58
<b>Raquel Loboda Biondi</b> .....	61
A pandemia que rasgou nossas feridas [...].....	62
<b>Cacilda Franco Ribeiro</b> .....	65
A pena e o vento.....	66

<b>Carmen Sílvia Pereira</b> .....	69
Por que essa Pandemia? .....	70
<b>Vanderlei Negro</b> .....	71
Sobreviver .....	72
<b>Eunice Cruaães Mingotti</b> .....	73
Tenho direito ao luto!.....	74
<b>Aristides Almeida Rocha</b> .....	77
Reflexões sobre a água.....	78
<b>Marta Corrêa</b> .....	87
Invisível.....	88
<b>E A POESIA DO DIA A DIA</b> .....	91
<b>José Felício</b> .....	93
Dia após dia.....	94
<b>Márcio Martelli</b> .....	97
Uma morte anunciada.....	98
Dor de uma saudade.....	100
“Für Elise” .....	101
<b>Susana Ferretti</b> .....	103
Renascer .....	104
A dor do palhaço.....	105
<b>Carlos Thompson</b> .....	107
A peste .....	108
<b>Rosalie Gallo y Sanches</b> .....	111
Onde estão? .....	112
<b>Fábio Spina</b> .....	113
Soneto do isolamento .....	114
<b>Susana Bueno de Souza</b> .....	115
Esse tempo.....	116
<b>Ivonete Piccinato de Freitas</b> .....	117
Homenagens .....	118
<b>Flavia Cunha</b> .....	121
Tempos difíceis .....	122
<b>Sandra Regina Librelon</b> .....	123
A redenção.....	124
<b>Claudevalda de Souza</b> .....	125
Dependemos um do outro .....	126

<b>Dalton Luiz Sibinel</b> .....	125
O silêncio do isolamento .....	128
O inverno e a pandemia .....	129
<b>Ariadne Rodrigues de Moraes</b> .....	131
Perdas.....	132
<b>Márcia da Silva de Oliveira</b> .....	133
Longa espera .....	134
<b>Lincoln Henrique dos Reis Sposo</b> .....	135
Dualidades .....	136
<b>Dam Nascimento</b> .....	139
Deixe-me chorar .....	140
Força estranha.....	141
<b>Ronaldo Martelli</b> .....	143
A francesa .....	144
Brasil, uma raça de fibra [...].	145
Imensidão .....	149
<b>Valderez de Mello</b> .....	151
Plenitude .....	152
<b>Tatiana Rosa</b> .....	153
2041 .....	154
<b>Posfácio por Márcio Martelli</b>	
Depois disso tudo passar .....	157



## Sumário Autores em ordem alfabética

Antônio Luiz Amadesi Gomes .....	25
Ariadne Rodrigues de Moraes .....	45 / 131
Aristides Almeida Rocha .....	77
Cacilda Franco Ribeiro .....	65
Carlos Thompson .....	107
Carmen Sílvia Pereira.....	69
Claudevalda de Souza .....	125
Dalton Luiz Sibinel.....	127
Dam Nascimento .....	139
David Ferreira.....	57
Eunice Cruaães Mingotti.....	73
Fábio Spina .....	113
Flavia Cunha .....	121
Franciele de Souza.....	55
Ivonete Piccinato de Freitas .....	117
Jefferson Dieckmann.....	43
João Carlos José Martinelli .....	23
José Felício .....	11 / 93
Kelly Cristina Galbieri.....	51
Lincoln Henrique dos Reis Sposo.....	135
Luiz Haroldo Gomes de Soutello.....	19
Márcia da Silva de Oliveira.....	133
Márcio Martelli .....	35 / 97 / 157
Marilzes Senff Petroni.....	33
Marta Corrêa .....	87
Raquel Loboda Biondi .....	61
Ronaldo Martelli.....	143
Rosalie Gallo y Sanches.....	111
Sandra Regina Librelon .....	123
Susana Bueno de Souza .....	39 / 115
Susana Ferretti .....	4 / 15 / 103
Tatiana Rosa .....	153
Valderez de Mello .....	29 / 151
Vanderlei Negro .....	71

# Prefácio

*“Toda dor pode ser suportada se sobre ela  
puder ser contada uma história.”*

**Hanna Arendt** | 1906 - 1975

Mais uma vez, na vanguarda literária e cultural apresentamos a antologia **Pandemim** – *A pandemia em mim*. Pioneirismo que também nos apresentou com a obra **Memórias do Confinamento**, livro concebido e publicado no início dessa pandemia – termo usado primeiramente por Platão e de forma mais genérica para enunciar acontecimentos capazes de alcançar todo o povo –, onde nossas esperanças já se mostravam como o esteio para os desdobramentos seguintes.

Ao longo dos anos aprendemos a nos adaptar, talvez esse seja o principal mecanismo de sobrevivência do *Homo Sapiens Sapiens*. Porém, a adaptabilidade humana sofreu um duro golpe, quiçá, a determinante marcação do que vem a ser o século XXI, será a atual pandemia.

Alguns de nós, ou melhor, poucos de nós vivenciaram tal cenário no século passado, também experienciaram cenários de guerras, regimes totalitários, mudanças climáticas, inovações tecnológicas, o momento atual e venceram todos esses desafios. Cabe uma pergunta: os outros de nós terão as vivências tão próximas daquelas vividas pelos poucos de nós ainda presentes?

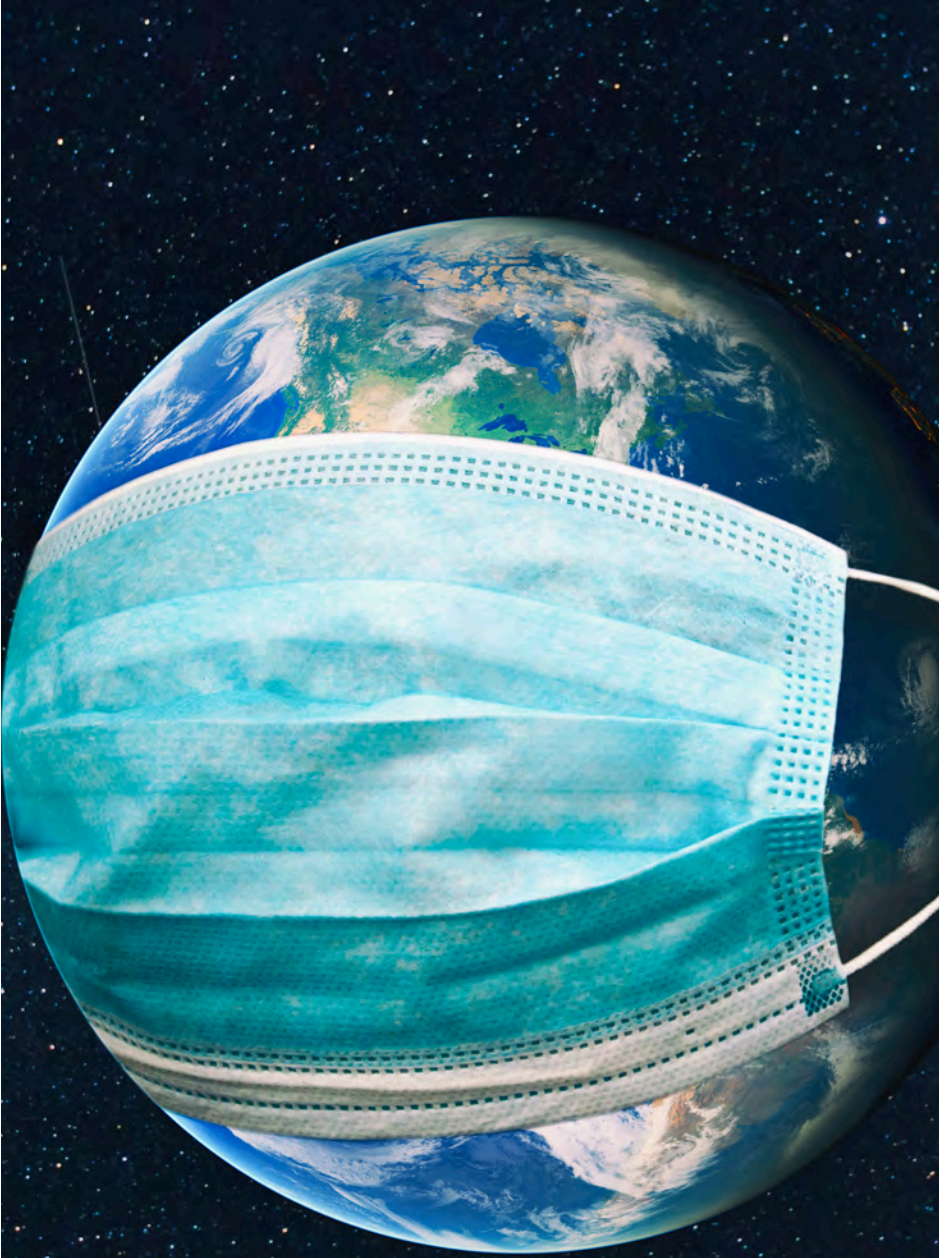
Seria uma previsão otimista dizer que não; realista ao afirmar que sim, todavia temos o conhecimento necessário para enfrentá-las e; pessimista ao afirmar a possibilidade de extinção da raça humana em pouco tempo.

Todo o conhecimento acumulado permite-nos considerar que nem tudo está perdido, mas concomitantemente, traz-nos a preocupação com as gerações vindouras. E, toda essa reflexão foi acentuada devido aos acontecimentos recentes.

Há mais de um ano estamos em alerta máximo, cuidados mais que necessários, preocupação a cada passo. Muitos desses passos agora são sós e carregam consigo a saudade, as dores e lembranças do amor levado pela doença, negacionismos e descaso com a Ciência e o bem-estar. Alteridade e empatia seriam os componentes preponderantes ideais na adaptabilidade do *Homo Sapiens Sapiens* às situações, como a atual, pois salvariam vidas, compreenderiam necessidades alheias e, amenizariam a dor do outro...

Em algum momento foi dito que quando a dor do outro doer em mim, eu compreenderei que o outro e eu somos um, não há dualidade, há apenas o um e todos, todos, todos nós somos esse UM. Assim surge a obra **Pandemim** – *A pandemia em mim*, para mostrar que não estamos sós, para mostrar a beleza e a harmonia, para mostrar que em meio a uma tempestade toda a mão deve ser estendida – pois a nós mesmos estamos a estendendo - e que o arco-íris a iluminar depois dela deve ser celebrado, em agradecimento aos ainda presentes e em gratidão, homenagem e memória aos não mais presentes, mais ainda residentes em nós.

**José Felício**  
Jundiaí / SP



Um pouco de prosa...







## Susana Ferretti

Susana Aparecida Ferretti Pacheco, natural de Jundiaí, é graduada em Direito, Especialista em Criatividade e Produção de Textos, em Didática do Ensino Superior e em Direito do Estado (Direito Administrativo, Constitucional e Tributário). Descobriu o gosto de expressar-se em poesia e prosa na adolescência, e vem mantendo, desde então, contínua produção textual. Em 1992, a poesia “Sentimento” foi premiada no XII Concurso Raimundo Correa de Poesia e publicada no livro *Poetas Brasileiros de Hoje*, Ed. Shogun Arte, Rio de Janeiro. Em 2002, o conto “Um olhar sobre o tempo” foi laureado com o 2º lugar no II Prêmio Brito Broca de Literatura de Guaratinguetá /SP. Em 2003, a poesia “Uma mulher chamada dor” foi premiada com o 3º lugar no Concurso Literário “1ª Medalha Drª Aurea Maria de Jesus de Guaratinguetá” e, em 2004, novamente foi agraciada naquele concurso com o 2º lugar para a poesia “Juramento”. No mesmo ano, sagrou-se vencedora da Categoria Adulto no Concurso de Poesias e Crônicas de Louveira/SP, com a poesia “Liberdade”. Em 2005, a poesia “Tons do Vermelho” foi selecionada para integrar “e-book” do Portal Literattu, de Porto Alegre/RS. Participou das Coletâneas anuais da Editora Komedi, de Campinas/SP, em 2003, 2004 e 2005. Tem participado de diversas antologias da Editora In House, de Jundiaí, desde 2005. Em 2006, com a poesia “Senhora do Japi” esteve presente no evento EnCantos do Japi, promovido pelo Grupo Arte em Ação, em Jundiaí. Em 2007 e 2008 foi uma das organizadoras da antologia **Nossas Mulheres**, da Editora In House. É autora de **À Luz da Lua** e coautora, com Márcio Martelli, de **Silêncio, Sons, Emoções, Palavras**, ambos publicados pela Editora In House, de Jundiaí. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí – AFLAJ, da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas – AJLJ e da Academia Jundiaense de Letras – AJL, da qual é a atual Presidente.

# E você sabe... eu nunca choro!

*“É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. (...)  
Tenho que falar porque falar salva.”*  
**Clarice Lispector, Água Viva**

Quando nada mais podia ser feito, chorei. Chorei de um modo insano, num horário inapropriado, talvez com alguém com quem eu não deveria ter chorado. Mas, chorei. Apenas isto. E muito. Muito de mim se esvaiu naquele incontido lamento infinito. Choraria mais se a razão não me retomasse e, à força, conduzisse-me ao mundo das faces e máscaras.

Um dia surgiu no mundo e junto comigo veio a ausência, a mera e simples ausência de toque, do sentir a pele do outro. Não sei detectar em que momento comecei a ser só, a sentir ausência, a perceber a carência do “outro”.

Em algum instante do Universo faltou um toque...

E desde então as ausências acumulam-se inexoravelmente... e de modo febril se busca pela presença.

De quem? Do quê?

Quisera haver chorado antes e desenhado na alma os contornos precisos dessa ausência... construir a imagem de uma imensa espiral avassaladora importa em revisitar todas as emoções e pisar velhos territórios conhecidos, alguns propositadamente esquecidos, aceitando novamente dores que, em alguns momentos, tornam-se impossíveis de aguentar tanto a sua nudez.

Em algum lugar ficou uma menina sem um abraço, sem um carinho.

Em algum lugar está escondida a possibilidade de ser plena.

Os redemoinhos da alma, em intransigente melodia, cumprem um temível destino: emergir e submergir, ciclicamente.

Redemoinhos que voam aos céus, constroem palácios, desenham alegrias, castelos de sonhos, vitórias, caminhos dourados e uma bela estátua de alvíssimo mármore que encanta a todos que a ela lançam seu olhar.

Essa imagem, plana ativa por entre muitos momentos da vida e jamais se diria que, por debaixo dela, há uma enorme cratera feita de ausências, das mais simples ausências.

Essa imagem de mulher que encanta, canta e paira sublime diante do mundo, de modo preciso, inteligente, exato, carrega seu fardo, imensos pesos, trapos inúteis e carece de amor para estancar a dor infinita de caminhar sem rumo em busca da essência da vida sabendo que há um caminho florido, de verdades construído, de beleza, de sentimentos. Há um caminho real, pleno e não imagens projetadas na tela do sonho.

Redemoinhos que impingem escura noite, sem estrelas, transformando em medo qualquer trilha que não se conheça inteiramente...

Redemoinhos que levam à morte, senão física, mas da alma, da essência e conformam em triste sepultura o ardor de viver, a sensibilidade, o toque exato, a agudeza de tocar no ponto crítico seu e do outro, a perfeita sintonia, a alegria, as emoções reais, o carinho, a melodia, a essência da vida.

Redemoinhos que querem matar a liberdade de existir em poesia.

Redemoinhos sem fim, fortes, imensos, a serem vencidos a cada instante em que se nega a existência de um fogo que queima e arde as entranhas dessa mulher que habita em mim, em ti, em nós e rasteja entre condutas preestabelecidas, esquecendo-se diariamente de si própria, de seus contornos, de sua beleza única, de seu caminhar alegre, de uma sensibilidade rara a lançar profundos olhares sobre a vida, as pessoas, o mundo...

Redemoinho que vai e volta, afundando a alma, soerguendo a força de mulher que faz de cada uma dessas guerreiras um ser mais forte que a morte, pois renascer é preciso a cada segundo, provar que se pode alçar céus, descer montanhas e cultivar descendências de amor, prover a todos contra a fome e o frio e sorrir mesmo com a alma em pedaços, não gritar quando se é ferida, e bradar por justiça, por cidadania, por vida, por direitos, por ser apenas mulher.

Bradar, bradar e chorar pelo direito de ser gente, ser especial, ser mãe, ser a provedora de tanto e tudo, chorar para ser mulher e por ser mulher.

E você sabe... eu nunca choro!





## Luiz Haroldo Gomes de Soutello

Nasceu em São Paulo, em 1944. Começou a frequentar regularmente Jundiaí em 1973, como professor de Direito Tributário, e radicou-se nesta cidade em 1991, quando casou com a jundiaense Maria Helena Menten, com a qual tem o filho Luís Filipe Menten Gomes de Soutello, nascido em Jundiaí. Advogado formado no Largo de São Francisco (USP), aposentou-se como Procurador de carreira do Banco Central do Brasil. Foi também professor regente na PUC-SP e professor titular na FADIPA. Em Jundiaí, foi redator de uma coluna humorística no Jornal da 33ª OAB, depois na Revista da 33ª OAB. Além de numerosos estudos a respeito de direito, literatura, história e genealogia, publicou crônicas e contos esparsos em coletâneas, e diversas novelas e romances, entre os quais **O Ogre de Mirimburgo** (In House, 2014), **O ovo Galitzine, É à noite que as coisas acontecem** (ambas pela Literarte, 2015), **O banheiro do destino** (Literarte, 2016), **Esqueletos de família** (Literarte, 2018), **Horas de espera** (Literarte, 2019, em coautoria com Josyanne Rita de Arruda Franco) e **Por perto dos tronos** (Literarte, 2020).

## Retornando aos velhos hábitos

Para mim, o início do isolamento social foi relativamente fácil de suportar. Aposentado como advogado, mas ainda ativo como escritor, acostumado a passar horas por dia em frente ao computador, criando textos, dediquei as primeiras semanas da minha “prisão domiciliar” a cometer crônicas para o jornal eletrônico **JundiAqui**, do amigo Edu Cerioni. Para não fugir ao assunto do momento, escrevi a respeito de coisas pitorescas relacionadas com antigas epidemias. Coisas como a origem mitológica da peste no norte da Itália, que teria sido causada pelo bafo do dragão Tarantásio (aquela cobrinha verde que aparece no emblema da Alfa Romeo, devorando uma criança), a origem mitológica da peste na Finlândia, tal como descrita na epopeia nacional finlandesa, intitulada *Kalevala*, e as aventuras de meu tio Carlos, o qual, no tempo em que o Brasil só tinha duas faculdades de medicina, uma em Salvador e outra no Rio de Janeiro, foi estudar medicina em Bruxelas, para se precaver da febre amarela que grassava na capital carioca. O que ele não esperava era terminar o curso em um hospital de guerra, remendando soldados belgas depois que, em agosto de 1914, os morteiros da artilharia alemã (os Krupp de 420 mm, conhecidos como *Grande Bertha*, e os *Skoda* de 305 mm) reduziram a entulho o anel de doze fortalezas em torno de Liège e o anel de nove fortalezas em torno de Namur. Perigo insignificante para ele, se comparado ao de estudar no Rio de Janeiro...

Quando cansei do assunto epidemias, escrevi crônicas a respeito de tudo o que se possa imaginar, desde fatos pouco conhecidos da história de Jundiá até a receita para preparar os deliciosos medalhões de filé conhecidos como *Esterházy rostélyos*, porque foram inventados em Viena pelos cozinheiros do Príncipe Miklos (Nicolau) Esterházy.

Mas, depois de meses de isolamento, veio um tédio tão grande que fiquei sem inspiração para continuar com essas crônicas. Quem me deu alento para continuar escrevendo alguma coisa foi o amigo Douglas Tufano, com o qual,

mediante profusa troca de e-mails, trabalhei em um romance produzido a quatro mãos. Um romance ambientado, em sua maior parte, na colônia italiana do Brás, nas décadas de 1910 a 1960. Douglas tem muitas memórias do Brás, pessoais ou de família, permitindo assim que nossos personagens de ficção atuem em um cenário reconstituído com grande realismo. Minha contribuição para recriar o ambiente com fidelidade foi pesquisar pormenores, como por exemplo a chegada a São Paulo das primeiras máquinas de café expresso. Com essa pesquisa, mantive o tédio afastado, enquanto fuçava jornais da época, disponíveis “online”, e livros de história, entre os quais os da Professora Ebe Reale, que fez a gentileza de prefaciar o produto final. Deve ser lançado em breve, pela Editora In House. Acredito que os numerosos “oriundi” de *Giundiaí* vão gostar.

Parido o livro, entrei em uma espécie de depressão puerperal. Uma grande preguiça me levou a muitas horas de televisão por dia, saltando de um noticiário para outro, ou vasculhando os cardápios do *Telecine* e do *Netflix*, onde, em meio a muita porcaria, é possível garimpar alguns filmes realmente bons. Dei até uma chance aos canais esportivos, torcendo pelo Porto, pelo Real Madrid, pelo Milan, pelo Bayern de Munique e pelo Leicester. Ninguém transmite jogo do nosso Paulista de Jundiaí.

Entre uma partida de futebol e outra, assisti, pelo mais fortuito acaso, a uma memorável partida de tênis entre Rafael Nadal e Novak Djokovic, disputada no torneio de Roland Garros. Então, a cabeça começou a funcionar outra vez, voltei aos velhos hábitos e agora estou escrevendo uma novela policial em que a vítima é um jogador de tênis. A ver no que dá.







## João Carlos José Martinelli

Advogado, jornalista profissional, escritor e professor da Faculdade de Direito do Centro Universitário Padre de Anchieta há 33 anos. É Mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde também se formou em Direito e cursou Jornalismo. É autor de vários livros, entre os quais, **O Sentimento de Justiça** (Editora Literarte – 1999), requisitado pela Universidade de Harwad; **O Direito de Envelhecer num País ainda Jovem** (Editora In House em sexta edição – 2015) e mais recentemente, **Direitos Humanos. Resumos de aulas e Crônicas Jurídicas** (Editora In House – 2020). Escreve para alguns jornais e é articulista há vários anos do **Jornal de Jundiaí**/portaljj.com.br, bem como de inúmeros blogs, entre os quais o luso-brasileiro **PAZ**, editado na cidade do Porto, em Portugal, no qual participa semanalmente desde 2005. Foi presidente duas vezes da Academia Jundiaense de Letras e uma da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas, do qual é sócio-fundador.

## O momento pressupõe absoluta solidariedade

A solidariedade como propósito moral vincula o indivíduo à subsistência, aos interesses e às obrigações dum grupo social, dum país ou da própria humanidade, fazendo com que ele partilhe construtivamente da vida do seu semelhante. Encerra assim, dois aspectos, ou seja, participação e ajuda: uma virtude que se subordina à disposição afetiva em relação a quem nos avizinha. Para Franz Kafka, ela “é o sentimento que melhor expressa o respeito pela dignidade humana”.

Numa época de pandemia internacional, não há como os padrões dominantes privilegiarem o ter em detrimento do ser. Faz-se necessário traçarmos um novo horizonte para o amanhã, com a asseveração de princípios básicos como a solidariedade, que integra a terceira geração dos direitos humanos. Por isso, imperioso que se multipliquem as ações sociais, comunitárias e gerais, visando colaborar em todos os sentidos para que o problema se amenize.

Todavia, isso só se tornará realidade quando, se dentro de nós mesmos, o individualismo for substituído pelo amor sincero ao próximo. Somente a solidez dessa conduta capacitará os indivíduos a resistir aos apelos fáceis e ao comodismo. E essa mesma firmeza é que cria o respeito e o entendimento entre as pessoas, sendo que o compromisso com o bem comum vai se traduzindo no esforço constante de se promover o ser humano.

O futuro, coletivo e individual, depende de esforços pessoais que se somam e começam a mudar pequenas questões para que estruturados em muito trabalho e nunca boa dose de renúncia, alcançar gradualmente, e o quanto antes, a consolidação de uma convivência afável, fraterna e igualitária, vencendo-se o coronavírus que hoje é um problema mundial e comum.

E mesmo porque, de acordo com a Constituição Federal do Brasil, constitui um dos objetivos primordiais da República Federativa do Brasil no âmbito interno, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária.



## Antônio Luiz Amadesi Gomes

Natural de São Paulo/SP. Casado com a jundiaíense Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Aparecida Mezzalira, tem três filhas e dois netos, nascidos e residentes em Berlim, Alemanha. Em 1976, fixou residência em Jundiaí, onde recebeu título de Cidadania em 1982, ano em que passou a integrar a AJL. Formado no Colégio São Luís da Capital, cursou Filosofia e Teologia no seminário dos jesuítas, concluindo licenciatura em Pedagogia e Letras Clássicas. Pós-graduado na Unicamp, com Especialização na área de Educação. No magistério do Estado de São Paulo, efetivado por concurso como professor de História e Diretor de Escola. Exerceu funções técnicas na Divisão de Planejamento do DESN. Em Jundiaí, dirigiu o antigo Ginásio Industrial, atual EE Dr. Antenor Soares Gandra, e o antigo Instituto de Educação Experimental, atual EE Bispo Dom Gabriel Couto. Lecionou na Universidade Pinheirense e Campos Salles, da capital, Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, e nos cursos de Pedagogia e Letras, da Universidade Padre Anchieta. Recebeu, da Organização JJ-Difusora, o **Troféu Coringa em Educação** (1982). Escreve crônicas, geralmente publicadas em jornais da cidade.

# Corpus Christi antecipado

A pandemia (PANDEMIM) provocou inúmeras mudanças no comportamento social, familiar e religioso, modificando atos rotineiros, por exemplo, a participação nos eventos litúrgicos. Um exemplo aparece na forma em que os ritos passaram a ter redução de fiéis ou distanciamento ou mesmo, transmissão por meios eletrônicos.

Em alguns casos, celebrantes e acólitos se ajustaram aos procedimentos sanitários, evitando, no interior dos templos, uma invasão do vírus. Todavia, houve medidas inoportunas e estranhas. Autoridades civis assumiram o papel de senhores da consciência e da liturgia, mudando inclusive, datas de comemorações. É o caso do tema desta crônica, alusivo à mudança da festa de Corpus Christi, antecipada por duas semanas por decreto do governo estadual de São Paulo. Aconteceu no ano de 2020, em pleno mês de maio, quando a celebração deveria ocorrer apenas em meados de junho. A inoportuna intromissão do poder secular na sagrada Liturgia acarretou a difícil comemoração, reduzida substancialmente no que se refere à tradicional procissão de louvor ao dogma da Eucaristia. Assim, passada a quinta-feira em que foi colocada a festa de Corpus Christi, por uma autoridade que nem mesmo nessa seara se mostrou competente, no dia 24 de maio, domingo, foi publicada minha crônica, que tomo a liberdade de anexar, a propósito de uma pandemia cada vez mais “nossa”...

Na madrugada deste 21 de maio de 2020, acordei assustado: sinos e matracas batendo, cenário nebuloso e, no meio das nuvens, a figura de um monge com sua veste branca e um manto escuro, traje da Ordem dominicana. Tomás de Aquino dirigia-se aos arcanjos em redor: “Que é isso? Já estão comemorando Corpus Christi? Hoje teríamos um feriado religioso, a Ascensão do Senhor. Mas a liturgia eucarística? Onde estão os tapetes coloridos? Quem vai cantar nosso “**Tantum ergo**” e o ritual do Pão e do Vinho?”

Preocupados com a aflição do santo dominicano, os anjos ao redor começam o canto gregoriano da procissão eucarística: “*Pange, língua, gloriosi, Corporis mysterium, Sanguinisque pretiosi, quem in mundi pretium, fructum ventris generosi Rex effudit gentium...*” (Ou seja: cantemos glorioso mistério do Corpo e do Sangue preciosos, o Rei dos povos gerado como fruto de um ventre generoso!) E o canto precisava continuar, na lembrança do Dogma: “*In supremae nocte Cenae, recumbens cum fratribus, observata Lege plenae, cibis in legalibus, Cibum turbae duodenae, se dat suis manibus*” (naquela Ceia suprema, comemorando com os irmãos, depois de observar integralmente os preceitos da Lei, ele se ofereceu, com suas próprias mãos, como alimento à turma dos Doze!)

E finalmente o canto mais conhecido, o popular “*Tantum ergo Sacramentum venerationem cernui*” (Com respeitoso aceno, nossa adoração a tão grande Sacramento) cântico geralmente ouvido nas Bênçãos do Santíssimo, pelas paróquias... Entretanto, temos agora, a indignação do Santo padroeiro da Filosofia, diante da antecipação inusitada de sua principal festa:

– Como é possível preparar um “Corpus Christi” assim? Cerimônias, ostensórios, tapetes de flores, procissões? Tudo isso por causa de um pandemônio?

A um dos arcanjos que lhe corrige a palavra (“É pandemia!”). Aquino pondera:

– Nunca vi nossa liturgia tão desrespeitada! De quem partiu essa ideia maluca?

Outro arcanjo ouviu dizer que se trata de decisão política, de um governador. Irritado, o Santo pensou em condená-lo a decorar uma obra de sua autoria, a primorosa “**Summa Theologica**”. Pensando bem, seria difícil. “Então, como castigo, vamos obrigá-lo a copiar, cinquenta vezes, o meu **Pange Lingua**, com *Tantum ergo* e tudo. Em Latim e Português!”





## Valderez de Mello

**Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione** é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Atuante no segmento de reeducação infantil, problemas de distúrbios da aprendizagem, diagnóstico psicopedagógico, orientação escolar e reforço especializado. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras, cadeira nº 31. Membro efetivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, cadeira nº 40. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes, cadeira nº 01. Articulista do **Jornal de Jundiaí** e **Jornal da Cidade de Bauru e Região**. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas, cadeira nº 36. Palestrante na área de educação infantil e reeducação familiar. Autora de livros de histórias infantis, coleção de seis volumes com fábulas acompanhados de músicas de sua autoria que abordam temas educativos e formação de valores. Ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, Psicopedagogia e Direito de família, abordando principalmente a valorização da família para a excelência da educação infantil. Trabalho realizado através de palestras educativas, publicação de artigos em jornais e livros de sua autoria.



# A verdadeira pandemia

O mundo está assolado, arrasado e sem rumo. Humanidade desnorteada, cientistas sem poder, dirigentes dançando ao redor do poço, sistema de saúde à deriva e governantes sem bússola e sem destino. Enfim, o caos se estabelece e monta acampamento no planeta azul. Deus, atento e misericordioso, criador de tudo, assiste passivamente a agonia da humanidade. E a tergiversar questiona:

– Seria melhor outro paraíso?

Porém, conhecedor supremo do universo por Ele criado e na certeza de que nada mais seria possível por desacreditar no homem, sua suposta obra prima, ao qual ofertou o paraíso na perfeição divina e solicitou que cuidassem das flores, das florestas, dos frutos, das águas, que respeitassem e amassem os animais, preservassem a natureza e carregassem na alma o dom do perdão. Pediu que se cuidassem uns dos outros, que não pecassem, preservassem a alma pura e não deixassem petrificar o coração! Porém, nada disso foi respeitado. Parcos humanos respeitaram os conselhos do Criador.

Sequer respeitaram o coração do homem que aos poucos foi se transformando em rocha, de onde não mais vertia sangue carmim das emoções... E assim por entre guerras, catástrofes e ódio a humanidade povoou o planeta azul, a flutuar no etéreo, sob o meigo olhar de Deus, o Criador. Então, para avisar sobre as consequências da irresponsabilidade humana, vieram os terremotos, surgiram as tormentas, as ondas gigantes que varreram as cidades e as vidas que ali habitavam, os tornados e ciclones enraivecidos destruindo tudo e os homens cegos pela ganância não entenderam a natureza a suplicar socorro. E os homens ensandecidos, continuaram a devastar o planeta, cavando poços alucinados em busca de petróleo em terra firme e nas profundezas dos oceanos. Continuaram a poluir o ar, os rios e os mares. Alucinados em subtrair das entranhas da terra os minerais, o ouro, a prata e pedras

preciosas, conscientes e insaciáveis, destruíram o planeta! E para a desgraça ser ainda maior, insistiram na contaminação das águas dos rios, lagos e nascentes, com mortíferos produtos químicos e ensandecidos envenenaram os peixes e toda fauna e flora que das águas matavam a sede.

Então, ela, a praga maior do século XXI, a pandemia, chegou dominando o mundo! O minúsculo dizimando o grande e poderoso ser que se diz humano! A vista de tudo isso, quem é o homo sapiens? Humanos criados por Deus ou destruidores do futuro e da humanidade?

Porventura, não seriam os humanos o mortal vírus causador da grande pandemia?





## Marilzes Senff Petroni

Artista plástica contemporânea com 48 anos de arte, expôs suas obras nos seguintes países: Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Espanha, Portugal, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia e México. Realizou 45 individuais e também participou em mais de 150 exposições coletivas em diversos estados do Brasil e no exterior. Faz parte da diretoria do Sindicato dos Artistas Plásticos de SP, Assoc. Internacional de Artes Plásticas filiada a Unesco. Membro da NOVA APAP - Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo.

Em 1997, inaugurou o “Marilzes Petroni - Atelier e Espaço de Arte”, em Jundiaí/SP. Neste espaço, tem realizado cursos sobre arte com importantes críticos de arte e exposição permanente de suas obras.

Como escritora, poetisa e compositora é membro da UBE – União Brasileira dos Escritores nº 3080. Cadeira nº 9 da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, atualmente está como presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí onde ocupa a Cadeira nº 33 e Cadeira nº 26 da Academia Jundiaense de Letras. Membro da Associação de Escritores da Argentina.

Realiza palestras sobre “O que é se amar”, “Como Conquistar o Leitor” e “Criatividade”.

# Tudo passa

Você concorda que a vida deve ser reinventada?

Quando a vida se tornou rotina e tudo é mesmice, está na hora de se reinventar. Com um mundo ao dispor e tantas possibilidades, a coragem é o passo certo para se superar. Tomada a decisão o céu fica mais azul e a natureza mais exuberante, pois seguir em frente e desvendar novos horizontes é o que dá sentido à vida. O caminho deve ser desbravado.

Entender a vida não é fácil, mas pode ser analisada.

- Quem nos criou não fará nada por nós, confiou-nos poderes e força e a realização é através de nós.
- Quem está conectado com o bom, o bem e o belo estará sempre no caminho certo.
- Recebe-se um corpo para cuidar, se é responsável pela sua saúde e integridade.
- Ser feliz não depende de algo externo, a felicidade deve estar inserida na alma.
- A alegria deve estar no percurso e não na chegada, assim se terá mais tempo para usufruí-la.
- O ócio, ativa a criatividade, mas tem tempo certo.
- O que se fala é baseado nos valores pessoais, ao falar do outro se revela o que se é.
- Cada um deve avaliar a educação que teve, pois se é resultado do que se aprendeu.
- Os acontecimentos são resultados das escolhas, cabe a cada um, manter ou corrigir.
- Comemorar as conquistas é uma forma de gratidão.

Mesmo nos reveses devemos fazer da vida uma conquista diária, a superação está na dedicação de realizarmos sonhos e confiar que tudo passa.



## Márcio Martelli

Contador de histórias e escritor nascido em Jundiaí, São Paulo, Brasil, no ano de 1968. É guardião da palavra e da memória cultural da sua contemporaneidade. Membro efetivo da AJL – Academia Jundiaiense de Letras e da APP – Associação de Poetas Portugueses. Idealizador e coordenador do grupo *Escritores Sem Fronteiras* e das lives *Fala Escritor!*. Editor da revista **JLetras** e cocriador do *Projeto Diálogos Poéticos*. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Como editor produziu mais de 900 títulos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro. Publicou mais de 40 livros autorais. É coautor do livro, ao lado do artista português Roque Gameiro (1864-1935, Lisboa) de **Lisboa Intemporal – 100 imagens do último século (1910 a 2010)** – Uma visão artística e fotográfica (2011). Em 2016, lançou na 86ª Feira do Livro de Lisboa e no Espaço T (Sala Unesco), na cidade do Porto, o livro: **Toda Pessoa deve ir a Lisboa**. Publicou **Pessoinha** – Fernando Pessoa para crianças, Vol. I e II. Atualmente está em produção de mais seis livros – dois autorais e quatro em coautorias.

## Em pandemim!

Em um dado momento, ele surtou. Não queria mais nada. Não estava a fim de nada. Nem de ler, nem de escrever. As redes sociais traziam notícias que lhe faziam mal e tornava-se dolorido conviver com os amigos virtuais, que era a coisa mais interessante que possuía. Tudo tornou-se tão enfadonho e chato que preferiu a distância.

Era esse o mundo em que vivia. Perguntava-se sempre se o problema não era ele ou se estava com ele. Mas não obtinha retorno. As pessoas optavam por fazer piadas, por rirem de uma desgraça de uma forma tão esdrúxula que decidiu não compactuar com essa situação.

Teria de se isolar? Esconder-se do mundo e das pessoas?

A resposta parecia ser óbvia, sua razão apontava direções, mas seu coração não conseguia se decidir.

Era mesmo necessário passar por tudo isso?

Será que realmente somos tão culpados por tanta coisa que esse castigo teve de vir a bordo de um avião supersônico?

É, as coisas são complicadas demais para entendermos os desígnios da natureza. Uma coisa é certa: abusamos demais! Exploramos demais e achamos que tudo era inesgotável.

Mas, meu amigo, até a paciência tem fim e nosso planetinha azul decretou greve. Isso mesmo, greve da gente!

A Terra queria descansar. São mais de 4,5 bilhões de anos em que ela passa por inúmeras transformações e quando pensava que poderia dar uma descansadinha, apareceu a raça humana querendo a tudo dominar.

A nossa presença na Terra corresponde, dentro da existência do planeta, se comparado a um ano terrestre, aos últimos minutos do final deste ano; e mesmo com tão pouco tempo habitando a Terra, a humanidade causou tantos estragos que serão precisos outros tantos milhões de anos para se corrigir tudo.

Por essas e outras razões o planeta decretou Greve da Humanidade!

Para se ter uma ideia, nesse período de greve, o mar ficou mais azul, o ar mais límpido, paisagens se revelaram, antes envolta em poluição, animais encontraram um mundo “desabitado” e resolveram sair de suas tocas, para reexplorar os espaços que sempre foram seus.

Agora o interessante é que o silêncio tornou-se ensurdecedor para o homem, antes tão acostumado ao barulho do motor dos carros, das buzinas no trânsito e dos aviões riscando o céu. Tanta paz, um oásis em meio a uma crise triste que causou o pânico em todo o mundo.

Mas acredito numa coisa: a pandemia é entre você e você mesmo. É sobre tudo o que fizemos e fazemos. Em como agimos e continuamos agindo. Como pensamos, pré-julgamos... é sobre a moral, acima de tudo.

A pandemia nos observa e julga para ver se caímos na sua armadilha e a tememos, ignoramos ou a enfrentamos.

É necessário respeitá-la. Olhá-la de frente sem medo.

E armarmos nossas defesas confiando na sabedoria do Universo.

Um dia estive em **pandemia**, doeu em **mim**.

Hoje estou em **pandemim**, mas com uma única certeza: dessa vez não vai doer mais do que o necessário, pois em **mim** mora a certeza de que tudo vai passar e que o mundo precisava deste período sabático.

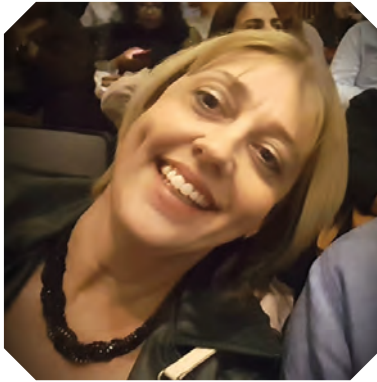
A greve de gente vai chegar ao seu final. E tudo se reiniciará...

E espero que seja de uma forma mais fraternal e solidária, pois generosidade gera generosidade. E não há um outro planeta que seja tão generoso quanto este nosso aqui – ao menos que tenhamos notícia.

Vamos reaprender a viver na Terra e responder a essa greve com o nosso respeito e amor.







## Susana Bueno de Souza

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e escritora.  
Aprendendo a seguir nos protocolos de segurança.

## Doce lembrança

Olhando umas postagens de internet, dessas categorias cômicas, deparei-me com uma imagem de um antigo doce de leite, que vinha em saquinhos plásticos.

Recordo-me que em meus tempos de bancos escolares, eram vendidos nos pequenos bares, próximos da escola e saboreados pela meninada durante os intervalos das aulas, ou no caminho para casa que boa parte de nós, fazia à pé.

A postagem mostrava a foto do conhecido doce, com a legenda: “Nesse tempo eu colocava até o plástico na boca e mastigava”.

No rápido olhar da figura, veio-me uma risada espontânea que tão sorrateira quanto veio, findou-se. Um sentimento misto se fez. O saudosismo da doce lembrança e uma certa dor dessa memória.

O doce ainda existe que eu sei. Já vi à venda em postos de estrada e em docerias na cidade. Poderia matar a saudade comprando alguns saquinhos, rasgando apenas a ponta e sugando o doce simplório que ali é colocado, até que ao chegar na metade do consumo, a embalagem adentre junto com o doce a boca e se transforme num falso chiclete.

Mas, depois do evento pandêmico que ainda vivemos, da mesma forma que não consigo me imaginar tirando sangue sem agulha e seringa descartáveis, assim também não consigo mais supor a ideia de mastigar um saquinho com doce de leite.

Docinho que era comprado num canto qualquer, passado de mão em mão e que apenas limpava com um lenço, isso quando tinha um em mãos, senão, esfregava na roupa mesmo, rasgava com os dentes o canto do saquinho, e saía feliz a saborear e mascar até que a última gota.

Tantas foram as adaptações que o mundo passou nos últimos cinquenta anos... Em nome da saúde, os produtos passaram a ter data de validade, serem cuidadosamente embalados, assim como os produtos e ações médicas, passaram a evitar inúmeras doenças, pelo uso dos descartáveis.

Controlamos a AIDS, sem vacinas! Reduzimos infinitamente as mortes de doenças infantis e gripe, com as amplas campanhas de vacinação.

A segurança do mundo mudou desde o 11 de setembro de 2001. Agora nos sentimos mais seguros quando entramos nos prédios, pois, até o nosso tipo sanguíneo os porteiros registram. Oh! Quanta segurança! Eu adorava simplesmente cumprimentar o porteiro e dizer: “vou em tal andar”.

E a saúde então? Que evolução! Sabonetes antibactericidas, sprays de limpeza dos ambientes, álcool gel, há tempos já vinham nos acompanhando, livrando-nos dos germes e das doenças oportunistas.

Mas um novo vírus chegou!

Entre tantas adaptações, para que possamos continuar a habitar esse pequeno planeta azul, adquirimos a máscara que para mim, já se tornou um objeto tão presente que terei que me adaptar a não usar quando isso for possível.

Vamos seguir, mais protegidos, mais seguros e até mais saudáveis, mas com a clareza de que nada disso vai me trazer o sentimento de liberdade que era mascar o velho saquinho de doce de leite.





## Jefferson Dieckmann

Jefferson Luiz Moreira Dieckmann é escritor, poeta, advogado formado pela Faculdade de Direito de Curitiba - UNICURITIBA e técnico em Eletrônica, especializado em telecomunicações, formado pela Escola Técnica Federal de Pelotas. Gaúcho de São Lourenço do Sul, nasceu em 31 de janeiro de 1958, às margens da imensa e bela Lagoa dos Patos, mas é nas ruas de Curitiba, capital do Paraná, que na observação do cotidiano escreve sua obra literária. Possui cinco livros próprios e tem participação em mais de oitenta antologias poéticas em vários estados do Brasil. É presidente da AIL – Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, membro efetivo do Centro de Escritores Lourencianos, ambas sediadas em sua cidade natal, São Lourenço do Sul/RS. É membro efetivo e faz parte da diretoria do centenário Centro de Letras do Paraná. É membro efetivo da Academia ALPAS 21, da cidade de Cruz Alta/RS. É membro dos Escritibas na Rua, entidade criada por poetas e escritores da cidade de Curitiba/PR. Foi o patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul/RS em novembro de 2019. Foi coordenador, pelo Brasil, de dois Encontros de Escritores do MERCOSUL, realizados em Puerto Iguazu - Argentina e em Hernandarias/Paraguai, países irmãos unidos pela divulgação da cultura no Continente Mercosureno. Participa constantemente de saraus poéticos, lançamentos de livros, rodas de leitura e outras atividades culturais, destacando-se o “Sarau Popular”, da FCC – Fundação Cultural de Curitiba, com o objetivo de levar a literatura, a poesia e as artes à periferia da capital paranaense.

## “Pandemim” e em nós...

Nós já havíamos lido nos livros de história que pestes e pandemias haviam dizimado milhões de vidas em outros tempos. Mas, imaginar que iríamos passar por algo assim em pleno século 21, pelo menos para mim era inimaginável. Sem aviso, e aos poucos, notícias começaram a chegar do outro lado do mundo. Um ser minúsculo surgira e estava começando a adoecer e matar pessoas. A princípio, a notícia não gerou medo, já que estamos a milhares de quilômetros de distância do nascedouro da peste. Mas, esquecemos que neste mundo globalizado, vivemos em uma aldeia onde o contato entre os continentes se tornara algo banal. Pobre de nós! Tão soberbos com nossos aviões transoceânicos com capacidade de voos cada vez mais longos, não lembramos que nos porões dessas aeronaves ou mesmo em suas confortáveis poltronas poderia viajar também essa maldita criatura.

Aos poucos, os casos foram surgindo. Pessoas internadas, pessoas enterradas. As mortes foram se sucedendo e se tornando fato corriqueiro, diário. Como se pudéssemos dizer que mortes em excesso seja algo corriqueiro. O uso de máscaras e o distanciamento entre as pessoas foi exigido, embora não tenha sido observado e obedecido por todos. Parece que alguns, dentro da sua juventude ou ignorância, pensem ser super-heróis, imunes ao perigo.

As famílias foram se cobrindo de luto, as covas rasas foram sendo abertas e as estatísticas mudavam a cada instante. Vidas se tornaram números. Algoritmos significavam mortes.

Embora a resposta da ciência na produção de vacinas tenha sido praticamente imediata, o número de mortes continua alto. Enquanto a imensa maioria dos humanos não for imunizada, produzindo assim a tal “imunidade de rebanho”, não podemos estar tranquilos em relação a esse inimigo invisível. Tomara que possamos fazer parte de um rebanho inteligente e consciente da nossa vulnerabilidade e finitude, não sendo facilmente conduzido por um cinorro qualquer. A esperança ainda nos acompanha. Nós venceremos este vírus e a vida, pelo menos da maioria, continuará o seu curso. Apesar de tudo.



## Ariadne Rodrigues de Moraes

Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (instituto isolado da USP), Curso de Português na Faculdade de Letras de Lisboa, Certificado de Curso de Francês pela *Faculté des Lettres et Sciences Humaines da Universidade de Besançon*/França. Atuou como Secretária executiva bilíngue em empresas multinacionais de São Paulo e Piracicaba/SP. Atualmente dedica-se como voluntária em uma instituição que cuida de crianças com câncer em Piracicaba. Como atividades extras canta no Coral da ESALQ-USP de Piracicaba. Entre suas preferências musicais estão os clássicos e o popular. Em 2021, lançou o seu primeiro livro autoral, o romance **Vitória** (Editora In House).



## Eu e o vírus

Embora muito se fale em pesquisas avançadas no intuito de conseguir a cura para essa pandemia que atingiu o mundo em que ora vivemos, há ainda muito a ponderar e observar.

Eu vivo num constante pavor de que mais cedo ou mais tarde possa perder mais alguém das minhas relações. Já perdi dois e, nesse momento, estamos no mais profundo alerta por conta de mais amigos que foram atingidos pelo vírus maldito.

Sempre nos apoiamos um no outro em constantes orações e pensamentos positivos para não cairmos realmente no desespero, como temos observado a nossa volta.

Preocupo-me em me proteger e andar dentro das regras que nos foram nos colocadas, mas mesmo assim fica uma pontinha de receio: será que estou fazendo a coisa certa? Saio à rua porque necessito, vou às compras porque preciso, mas com aquele receio, olhando para os lados como se algo me estivesse perseguindo. Vivemos a cultura do temor de que o mal possa nos atingir a qualquer momento.

Foi nos imposto o isolamento social para que não houvesse a possibilidade de contaminação, uma vez que a proximidade aumenta esse risco. Assim, sem o contato com os amigos e parentes apareceram novas manifestações: pânico, depressão, estresse, ansiedade. E isso só faz reduzir o nível de imunidade. Ficamos entre a cruz e a espada! Somos seres sociáveis por natureza na sua grande maioria. O contato com o outro nos faz falta, por isso tantos os transtornos que esse isolamento vem causando.

Vez por outra vem-nos a triste notícia de que alguém não resistiu ao mal e se foi naquela viagem sem volta, deixando-nos estarecidos diante dessa pandemia que vem derrotando a muitos.

Erroneamente nos informaram que com a chegada do verão, principalmente aqui nos trópicos, o vírus seria vencido, pois não sobreviveria a climas quentes. Ledo engano! Ele continuou e enganou a todos. E vai sobrevivendo

e mais, entrando em mutação constante deixando a todos sem rumo, pois aquele medicamento produzido para matar um vírus, já está se tornando ineficaz em vista das novas cepas que estão proliferando pelo mundo afora. Em se tratando de um vírus respiratório ele teve sim sua atividade de propagação levemente diminuída, mas não eliminou o risco de transmissão.

Então eu me pergunto: Até quando viveremos nessa interminável luta contra esse monstro destruidor que não escolhe cor, raça ou idade? Pesquisadores se multiplicam em busca de novas vacinas, novos medicamentos. Mas, e o tempo exigido para provar que eles sejam realmente eficazes? Nós não temos mais tempo disponível, porque o vírus se transforma a cada momento, fazendo com que aquelas pesquisas se tornem inúteis diante desse novo cenário.

Só nos resta torcer para que essas pesquisas sejam realmente promissoras, que atinjam o alvo de forma a nos devolver a esperança de que novos tempos estão por vir. Não mais nos mesmos moldes em que estávamos vivendo, mas pelo menos, numa certeza de que poderemos reassumir nossas vidas sem medos, fobias ou temores.

## Eu sobrevivi...

Conheço o Adriano de longa data, desde os tempos em que trabalhamos na mesma empresa em Piracicaba. Essa é a sua história e de como ele superou e sobreviveu ao vírus do Covid-19. Mesmo depois de desligados da empresa, sempre mantivemos contato. Ele montou sua própria empresa e eu segui minha vida com outros objetivos.

Sua vida seguia seu curso normalmente. Ele vivia para a esposa e seus dois filhos: dois garotos, mas não tão garotos, pois o mais velho João Pedro estava com 24 anos e o mais novo Rafael, com 14.

Na empresa os negócios seguiam muito bem, pois o mercado era propício, apesar da concorrência. Adorava uma corrida de automóveis da qual participava ativamente, inclusive tendo o filho mais velho ao seu lado. Mas, num determinado momento esse esporte foi deixado para trás. Seguiu apenas apoiando o filho que passou a se dedicar aos campeonatos com Adriano no apoio.

Vivia numa atividade bastante agitada buscando sempre ter mais. Nesse estilo de vida, pouco tempo sobrava para viver com família e desfrutar de momentos de convívio, tão necessários para o crescimento de cada um.

Num dado momento, por decisão própria resolveu fazer um exame, em São Paulo, por precaução, pois quando mais jovem havia sofrido com uma pneumonia grave e também por conta do crescimento de contaminação do vírus. E qual não foi sua surpresa ao ver o resultado dos exames e ser constatado que ele havia sido contaminado pelo Covid-19.

O médico que o examinou determinou sua imediata internação num hospital na capital, pegando-o completamente desprevenido, uma vez que havia ido apenas para os exames.

Adriano ficou hospitalizado por dez dias, numa primeira fase, num hospital que, de acordo com sua descrição, mais parecia um hotel de luxo. Porém, quando estava quase para sair com alta, teve uma recaída e, então, começou seu sofrimento e de todos os familiares e amigos. Foi entubado,

com uma máscara fixa dentro da qual era injetado ar, obrigando os pulmões a receber o que não tinham capacidade de produzir. Teve momentos de consciência, mas, por três dias consecutivos perdeu totalmente a noção da realidade. De acordo com os seus relatos, perdeu completamente o entendimento das coisas à sua volta. Nos instantes de consciência, diz ele, a dor era tanta que dizia preferir morrer a sentir o que estava sentindo.

Foram dias de intenso sofrimento tanto para ele como para a família, pois os médicos deram-no por perdido. Haviam praticamente deixado de acreditar que ele tivesse possibilidade de Adriano voltar à realidade e à vida. Foi sempre acompanhado de perto pelo filho mais velho que nunca deixava o pai.

Aos poucos, seu organismo foi reagindo aos medicamentos e ele saiu do estado de coma em que havia mergulhado, por conta do vírus.

Após quarenta dias de internação, entre UTI e quarto no hospital, ele recebeu alta para voltar para casa. E para junto dos familiares. Foram muitos dias de fisioterapia, acompanhado por enfermeiros, pois como sequela do acometimento que sofrera, não tinha coordenação dos músculos o que lhe impedia de se movimentar sozinho. Juntando-se a esses exercícios físicos, sessões de terapia com psicóloga.

Lentamente foi assumindo sua independência e pode novamente executar todas as atividades do dia a dia.

Em sua descrição, conta que numa primeira vez ao colocar um alimento sólido na boca – um minúsculo pedaço de melão – não queria engolir, pois ao sentir a doçura da fruta pode perceber que não prestara, até então, atenção do quanto significava poder desfrutar de algo sempre ao alcance da mão e não não devidamente valorizado.

Esse momento tão singular acendeu um sinal de alerta na sua posição diante da vida. Agora a correria ficou para trás, o querer ter sempre mais foi descartado pelo ser mais presente na vida da família: dos filhos e da esposa. Os que mais sofreram e estiveram ao seu lado, sempre na esperança de que o pai e marido superaria a doença e voltaria ao seu convívio.

A fé, a determinação e a garra de todos foram determinantes para superar esses dias tão doloridos para todos. Hoje, mais do que nunca, a família: Adriano, Vanderli, João Pedro e Rafael, vive mais unida e desfrutando de mais tempo juntos numa forma de recuperar aquele tempo praticamente perdido para eles.





## Kelly Cristina Galbieri

51 anos, jundiaense, formada em Administração de Empresas pela PUCAMP e Direito pela UniAnchieta. Pós-graduada em Direito Público e Direito Homoafetivo e de Gênero. Assessora de Políticas para Diversidade Sexual da Prefeitura de Jundiá e coordenadora da CMEVESCA (Comissão Municipal de Enfrentamento à Violência e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes). Faz parte do conselho gestor da Semi Liberdade – Fundação Casa – em Jundiá. Organizou o livro **Love is Love**, ao lado de José Felício e Márcio Martelli, lançado em 2021, pela Editora In House.

## Os sentimentos que brotaram nesta pandemia

É fato que ainda estamos longe do fim desta pandemia, mas já podemos enxergar as sequelas deste último ano, ainda que não tenhamos sido vítimas deste vírus. Acompanhamos pessoas ao nosso lado, familiares, amigos que nunca mais veremos, outros que foram infectados e se recuperaram, outros que mudaram a forma de viver, mas o mais incrível, na minha humilde interpretação, são aqueles que, mesmo acompanhando as mais de 540 mil mortes de brasileiros, só conseguiram demonstrar o egoísmo que estava tão bem escondido dentro de si.

Acompanhamos pelos telejornais, mídias sociais e pessoalmente aqueles que usaram e abusaram de influências para serem vacinados contra a Covid-19 antes da data prevista, pessoas que se sentiam mais vulneráveis que outras e queriam “passar na frente”, chegamos ao cúmulo de assistir alguns que tiraram a agulha da mão de enfermeiras para se auto-vacinar. E tantas outras histórias que ilustram o sentimento de egoísmo a que me refiro.

Em um momento onde tantas pessoas estão perdendo seus entes queridos, é natural o medo de também serem acometidos pela doença, mas daí a cometerem excessos em nome deste temor não parece cabível. Será que estamos falando de um problema brasileiro? Trata-se da nossa cultura? Será que em outros países a educação faz com que as pessoas tenham um senso maior de responsabilidade quando o assunto é a vacinação contra esse vírus?

A maneira grosseira com que algumas pessoas lidaram e ainda lidam com esta doença me causa espanto e indignação, para não dizer desesperança. Quando vejo filhos acompanhando seus pais idosos para serem vacinados e, diante deles, tratam profissionais da saúde de uma maneira nada cordial, fico pensando como esses pais se sentem envergonhados. Em uma ocasião, presenciei um senhor de mais de sessenta e cinco anos de idade que se recusava a usar máscara, mesmo estando em um local próprio para a vacinação.

Ou seja, a pessoa acredita na doença, na cura, mas pouco se importa se irá infectar alguém, esse mesmo alguém que está pronto a lhe atender e cuidar. Mas não só se recusou como também ofendeu a todos que o pediram para vestir o equipamento.

Em outra ocasião, outro idoso, ainda mais velho, falsificou sua própria carteira de vacinação, colocando data posterior da primeira dose, para ter direito à segunda dose com maior celeridade. Certamente com medo de ficar sem o imunizante. A pessoa é capaz de cometer um crime sem o menor constrangimento. A certeza da impunidade.

Profissionais de diversas áreas de atuação chegam a discutir de forma bastante alterada, acusando aqueles que nada podem decidir de não estarem vacinando “quem realmente está na linha de frente”. Ora, quem não está? Quantas pessoas deixaram de receber a dose de esperança, a vacina da marca que fosse e hoje não mais estão entre nós? Perdemos tantas pessoas queridas, outras que nem conhecíamos, mas que parece que faziam parte da vida da gente, como o nosso querido e único Paulo Gustavo.

Este vírus não escolheu cor, condição social, religião, orientação sexual ou identidade de gênero para sua devastação. Mas ainda assim parece que alguns têm uma dificuldade grande em perceber que somos todos iguais, que no momento em que a doença chega, somos apenas um corpo prostrado em uma cama deixando todos os que têm algum sentimento pela pessoa sofrendo muito.

Quem estava preparado para levar um familiar, um amigo, um amor ao hospital e não conseguir sequer se despedir? Quantos casos ouvimos de pessoas que estavam apenas com uma gripe forte e dias depois precisaram ser entubadas? Mais algumas horas, dias, meses até e estavam sendo enterradas. E o pior... sem velório, sem despedida, com poucas pessoas, alguns familiares.

Tudo isso só nos faz refletir. Quem somos nós e qual é o nosso papel neste mundo? Para onde levaremos tanto egoísmo e soberba? Por que acreditamos que somos melhores que alguém? Não é hora de aprendermos algo com este vírus?

Na contramão deste sentimento mesquinho encontramos pessoas que aprenderam a se doar, a deixar o seu mundo cor-de-rosa para compartilhar o que têm de mais importante em um ser humano: a solidariedade. Este período fez com que olhássemos para o lado e víssemos aqueles que perderam o emprego, aqueles que não mais puderam financiar o ensino privado de seus filhos, enfim, os que mudaram o padrão de vida.



Mas talvez a mudança na vida daquele que se doa tenha sido ainda maior. Abrir os olhos para a dor do outro, deixar o egoísmo, praticar a empatia e a solidariedade traz um sentimento grandioso na vida de qualquer pessoa. E quando nos colocamos como aliados na causa de alguma minoria ou de alguém que precise, damos sentido à nossa vida. Ao menos foi assim comigo. Talvez por isso, passar por esta pandemia, para mim, não tenha sido tão sofrido. Certamente foi horrível perder conhecidos e amigos que conhecia e amava, muito difícil também acompanhar as estatísticas que mostravam números surpreendentes e nada de concreto sendo apresentado pelo nosso governo federal, mas pessoalmente, consegui dar o melhor de mim para quem mais precisava. Hoje me sinto completa. Aliviada. Com sentimento de dever cumprido. Ou quase. Pois temos muito a cumprir ainda. Esta pandemia está longe de acabar.





## Franciele de Souza

Franciele escreve há algum tempo, tem 33 anos, nasceu na cidade de Jundiaí. Formada em pedagogia, ela busca inspirar seus alunos com leituras e escritas. Um ser humano em evolução, que busca as aprendizagens nas relações com o outro. Adora correr, ler e nas horas vagas ela risca e rabisca o que o coração quiser pulsar.

## A falta que me faz

Eu o vi ali no chão gritando, eu gritava, eles gritavam; Gritos ensurdecedores!

Ele foi ficando fraco, roxo, sem voz, sem ar, estava perdendo as forças. Eu fui gritando mais e mais, só que aqueles dois homens na minha sala pareciam não me escutar. Selvagens, insanos, inconsequentes, sem almas e sem coração. Fleches rápidos me vêm em mente, as canções que ele havia me ensinado no ukulele da biza e no tamborim do Tio, as comidinhas e o cheiro delas que perfumavam o morro, atraíam as vizinhas que queriam saber o que de tão especial ele colocava ali, uma mistura típica de cúrcuma, curry, cominho e afins, ele me dizia para respeitar as minas e a luta delas, pois eram mais árduas que a nossa, lembro-me do brincar de roda, do primeiro presente do dia dos pais, dele amar ir me ver nas apresentações da escola e o sonho de me ver formado em uma faculdade para que eu me tornasse “doutor”. Foi um bom homem, criou-me sozinho com as adversidades após o abandono de minha mãe, dizia ele que nunca mais ia se casar, e assim o fez. Com suas mãos simples, calejadas, às vezes até com feridas abertas, aprendia na terceira idade a manipular o lápis, achava bobeira – Depois de velho ir para a escola? Deixa isso para a mocidade! Mas mesmo assim, cansado do dia puxado de servente, muitas vezes com sono, e com dores do trabalho custoso, ele estava lá presente. Suas gargalhadas doces e puras me vêm à mente, seu astral e bom humor contagiavam as rodas de samba... E frações de segundos se vão, crises respiratórias e infarto vêm, estou com os olhos fixados nos dele, parece sentir que o adeus está próximo, dentro de seus olhos o vejo partir.

Os gritos silenciam, ao mesmo tempo que vivi em uma exorbitante balburdia interna aquilo acontecia ali diante de mim. Eu tentei, eu juro, disse que ele era meu pai, que era a casa errada, mas não fui ouvido, eles precisavam levar um corpo e tinham um ali na minha frente, tinham um pai de um jovem angustiado e agora só.

As marcas ainda estão em mim, escuto os gritos dele, os meus e os deles, poderia ter sido um assalto, bala perdida, pressão alta, Covid-19, mas não foi, era apenas mais uma geral dos gambé na quebrada, sufocando nossa subsistência a nada.



David Ferreira

Sou pisciano, o que já diz muita coisa a meu respeito. Nascimento nesta encarnação: Março, 14/1977. Cristão – Espírita Kardecista. Formação acadêmica até janeiro de 2021: Aviação (Comissário de Voo e Agente de Aeroporto), Administração de Empresas, Logística e Gastronomia.

*“Nascer, viver, morrer, renascer ainda  
e progredir sempre, tal é a lei!”*

(Allan Kardec, 1804-1869).

## Panda & Mia

Sobrevivendo na tensão bivolt do dia a dia tri frenetizado, eu ainda não consigo conter minha arritmia abaixo dos 220 volts. Pior agora com todo este surto epidêmico, desregulando tudo aquilo que em mim nunca foi tão anormal quanto é agora. Quando piso para fora de casa em busca do estritamente essencial e necessário para suprir as necessidades cotidianas, sofro de taquicardia no estado alerta máximo e quando regresso ao meu lar diabético lar, um ataque de bradicardia emerge instantaneamente em mim. Tempos de compras on-line, entregas rápidas, eventos ao vivo nas redes sociais, distanciamento social e tal...

Ó céus, ó vida... e tudo isso faz o fiofó do bumbum encolher para o modo sofrido e sem direito a uma batida forte no tambor. *Boom... boom... boom...*, soltei um punzinho! Respire bem fundo sem retirar a tua máscara, mas deponha os palhaços de plantão – BOZO NEWS! E como não estamos em uma situação de emergência dentro duma aeronave que voa ileso por uma zona de frequente turbulência, máscaras de oxigênio não cairão automaticamente sobre as nossas cabeças ocas, insanas, vazias, teimosas, cricris, arcaicas, lunáticas e preconceituosamente babacas, panacas e sem graça – ria desta gripezinha...

E dentro deste cenário de guerras civis travadas no perímetro urbano de cada vizinhança nos condados ao redor do nosso planeta Terra e quiçá dentro de todo tipo ou gênero de núcleo familiar, tentamos sobreviver nas trincheiras dos nossos lares, enquanto somos bombardeados por informações desconstruídas sobre a origem deste macabro vírus mutante, que surfa nas ondas do sarcasmo desenfreado; enquanto alguns de nós sobrevivem na esperança por uma pseudo e eficaz vacina global, que imunize toda a raça humana antes de 2022 e que ela não seja um presente de grego, uma praga egípcia ou uma pegadinha local.

Teço aqui um adendo referente à minha fala sobre todo tipo ou gênero de núcleo familiar conhecido até agora e de acordo com as atuais variações

que possam englobar toda esta definição, temos então: a família “tradicional” brasileira ou “gente de bem”; e concomitantemente a este sistema imunológico, a união estável, a família homoafetiva, a família paralela ou simultânea, a família poliafetiva, a família monoparental, a família parental ou anaparental, a família composta, pluriparental ou mosaico; a família natural, extensa ou ampliada, a família substituta e; a família eudemonista. *Ufa-Ufa... Lufa-Lufa...*

Infelizmente para ti, as definições individuais dos termos citados acima ficarão plenamente por tua conta e risco; portanto, pesquise em dicionários físicos existentes ou mesmo nos meios digitais ao qual você tiver livre acesso e sem qualquer censura midiática, política ou doutrinária. Sigam-nos os “bons”. *Suerte!*

Entretanto, o ser humano não aprende “quase nunca”, a criatura portadora da morte em questão, não colabora consigo mesma e muito menos com qualquer outro elemento humanoide, já que afronta a sociedade ao infringir todo o protocolo de segurança sanitária aplicada em modo emergencial desde o início desta expiação planetária coletiva. *Olha o bingo, olha o umbigo, quem vai rodar?*

O primeiro caso conhecido da doença remonta a dezembro de 2019 em Wuhan, na China. A primeira contaminação no Brasil pelo novo coronavírus (agente infeccioso de origem zoonótica), foi identificada no final de fevereiro de 2020, porém, no Velho Mundo (Europa) já tinham sido registrados centenas de casos do Sars-CoV-2, causador da Covid-19. Jaz em território tupiniquim, o vírus fortificou-se cada vez mais a partir de 2021, com o advento de novas cepas intercontinentais chegando ao país e sabe-se lá até quando tudo isso irá perdurar. Quem sabe até o dia depois de amanhã dum porvir ainda incerto, oriundo direto da terra do sol nascente ultra artificial e pré-marciano, cuja icônica rubra estrela asiática, brilha imponente por toda essa nação, famosa por aqui graças ao seu prato apimentado e frito: “frango xadrez”... *Yammy Nhammy!*

Profetizando um pouco além do tempo e espaço, se necessitamos de um governo planetário único, temos que ser uníssonos e coordenados em nossos objetivos, compartilhar de uma mesma doutrina que seja libertadora para todos, pensarmos fora da caixa e por nós mesmos, tomarmos como exemplo as sociedades de outros seres que se organizam de forma comunitária, como as colmeias de abelhas, as colônias de formigas ou as cupinzamas de cupins.

Segundo estudos científicos, durante a era Paleozoica (entre 200 a 540 milhões de anos), existia apenas um continente na Terra designada Pangeia.

Após a Deriva Continental (teoria apresentada pelo geólogo e meteorologista alemão Alfred Wegener – em 1930 do século XX, com a publicação de sua obra clássica **A Origem dos Continentes e Oceanos**), o atual mapa geográfico continental tomou sua forma. Todavia, o mapa geológico político se modificou frequentemente de tempos em tempos, desde que as tribos se unificaram ou se separaram para a formação dos países, estados, províncias e cidades. *Waze it!*

O fato triste da história da humanidade é que, apesar de todas as guerras travadas, o ser humano ainda não aprendeu a viver em paz de modo comunal. Nossas tribos ainda levantam estandartes para impor a sua vontade em detrimento dos direitos coletivos ou individuais dos cidadãos, nossas tribos ainda estão munidas duma soberba sem precedentes, fracionados pela ignorância e por um supremo egoísmo e; no que tange a respeito do exercício da suposta sublime empatia e pela caridade que deveria ser praticada por todos nós - visando unicamente o bem-estar coletivo, infelizmente estagnamos ou retrocedemos de acordo com o ritmo da mão que balança o berço e que daí governará o mundo, a Lua ou Marte; e onde quer que sua ambição almeje estar.

O oposto destes malfeitos, quando desfeitos e em conjunto com a reforma íntima individual, fomentaria não apenas a nossa evolução moral ou tecnológica, mas principalmente nos elevaria em âmbito espiritual. Sem mais por hora e agora, aguardo o download dum porvir sem saber se poderei sorrir... Feliz 20XX...



## Raquel Loboda Biondi

É jornalista, formada pela PUC-SP. Atuou como repórter geral e de política no **Jornal de Jundiaí** e, desde 2017, é assessora legislativa na Câmara Municipal. Especializou-se em Comunicação e Marketing Político pela ESPM. Também tem especialização em Jornalismo Literário pela Unicamp e, entusiasta da escrita, é colunista do **Portal Tribuna de Jundiaí**. Também interessada em desenho, possui um perfil de ilustrações próprias nas redes sociais, o “Aurora Drawing&Dresses”.



## A pandemia que rasgou nossas feridas como desiguais agora nos une na mesma condição: somos todos grupo de risco

Uma vez, em uma conversa de dia a dia, já não me lembro se à espera de consulta ou na fila de um banco, me atentei para uma pessoa que me disse: “na hora da doença, somos todos iguais.” Aquela frase simples, que poderia ser só mais alguma de efeito ou de conversa de elevador, e que deve ser dita por tantos outros mas só naquele dia chegou até mim, soou muito maior - e como que em respeito a essas sabedorias que ganhamos de presente na vida, eu não esqueci. Adormecida por um tempo - talvez pelos outros aprendizados que nos atropelam ou enganos da vitalidade da juventude - agora, neste momento ainda mais crítico de um vírus que transformou tantas vidas, a mesma frase ressoa alto e me parece fresca.

Os dias que vivemos nos remetem àqueles que nos comoveram em relação a outros países no início da pandemia, porque havia sobrecarga dos hospitais longe daqui; não havia equipamentos para todos, havia incertezas no tratamento e a circulação não tinha sofrido freios como deveria. E como deveria? Fomos aprendendo, na dor, dia após dia, a lidar com uma doença ao mesmo tempo em que ela se desenvolvia. O mundo todo. No Brasil, porém, os progressos foram feitos quase que como uma afronta à guerra interna que se impôs. Nesta guerra, um lado bem importante negou a ciência, os picos, as análises embasadas, a necessária compra de vacina e a relação exterior sadia. Com esse “um ano depois” nas costas, de avanços isolados e não devidamente incentivados nacionalmente, nos vemos próximos daquele cenário inicial e, em boa parte já superado, de outros lugares do mundo.

Neste mesmo um ano, aliás, a doença sim se fortaleceu: sua contaminação é mais rápida, seus efeitos mais agressivos, o que estava quase parecen-

do como “novo velho” conhecido, já não corresponde ao monitoramento necessário, os quadros mudaram e os mais vulneráveis a ela também. E nós aqui com uma maioria talvez ainda resistindo a admitir a existência de um vírus totalmente factível. Sabíamos da pandemia, mas o movimento pendular de “abre e fecha” desgastou; os discursos que deveriam ser um se desviaram em muitos desencontrados; o protocolo que deveria ser médico foi politizado e, para uma boa parte, parecia haver a ilusão de que, ainda longe, esse vírus realmente não existia ou estava controlado. Mas eu pergunto, em que corpos? A força daquilo que negamos trouxe mortes numerosas e, não surpreendentemente, próximas. As mortes hoje não somente entristecem, elas assustam, revoltam e a pandemia que evidenciou nossos abismos sociais, nossas diferenças gritantes, passa, agora, a nos mostrar outro espelho desesperador, aquele que reflete o que essencialmente somos: humanos, finitos e iguais. Todos somos grupo de risco.

Podemos ter sido formados de muitas histórias materiais distintas, por trajetórias blindadas ou cruéis, por vantagens versus opressões que nos fizeram ter tantos caminhos opostos, tantas vezes distantes em um Brasil imenso, mas como me disseram naquele dia, “na hora da doença, somos todos iguais”. Podemos ter tido outras enfermidades até aqui, comorbidades como tem se falado tanto, mas o acesso a mais uma realidade comum está nos confrontando. O barco, a fila e a espera - que um dia podem ter sido diferentes - hoje são os mesmos e chegaram àqueles que, um dia, viram-se como superiores, que se gabavam por não cumprir regras coletivas, que por alguma razão financeira ou social pareciam inabaláveis. Morrem idosos, morrem jovens, morre quem vendia saúde, morrem os “atletas”, os ricos ou pobres.

Ainda assim, continuamos indiferentes ao que, de forma trágica, nos une. Boa parte continua a negar a doença, as limitações, as dificuldades. Boa parte nega esse próximo que de tão igual assusta e, portanto, nega que tenha alguma participação neste combate. Outra parte continua a se considerar superior: aglomera, desrespeita, sabe tudo, inclusive como medicar e frisa a diferença. Sabe também que tipo de hospital precisamos ter e pede mais e mais leitos, como se a circulação do vírus pudesse ser atenuada em lugares para estocar doentes. Claro que precisamos de estruturas emergenciais, de medidas e norte públicos, mas desde sempre sabemos que essa pandemia precisa, acima de tudo, de unidade, de respeito às exigências, ao momento, às dores próprias e às dos outros. Ninguém está ileso de contribuir ou de ser prejudicado. Mais vagas e leitos não diminuirão as mortes se o vírus continuar a

ser negado e, assim, circular com a força que, diferente da nossa frágil noção coletiva, renova-se.

Talvez acostumado às desgraças de suas desigualdades, o Brasil não chore mais por si mesmo - assim tento compreender -, mas que falta de amor é essa que não se curva aos seus? A que estágio de negação chegamos que já não abrange negar só uma crise global, de impactos irrecusáveis, e sim a si mesmo? “Quero vacina antes de todos”, eu escuto, já não mais à espera de consultas ou na fila do banco - as frases do dia a dia são outras e vêm nas correntes de WhatsApp ou nos gritos da internet. Não condeno quem queira se proteger, sobretudo aqueles expostos aos serviços essenciais, não somente médicos, mas tantas classes que, espero, vermos mais valorizadas um dia. Em meio ao caos, tentar eliminar o medo que nos paira é mais que natural. Só penso que, neste momento, depois de tantas diferenças e desigualdades a que fomos lançados nesta pandemia, um elo de desafios nos une e o “eu” da sentença se torna “nós”. Se antes de mim, outras pessoas estiverem sendo vacinadas, é sinal de que essa corrente se amplia. A vacina não protege só quem toma, ela é nossa solução coletiva.

Se esse espelho colocado à nossa frente ainda não nos servir para alguma nova comoção que acolha os nossos, receio que ele se quebre ou continue arranhado. E não adiantará depois esperar que um milagre ou um “outro culpado” cole os cacos. Todos estamos nesse futuro de peças sofridas a se reencaixar, bastará uma dar suporte à outra.



## Cacilda Franco Ribeiro

Natural de Agudos/SP. Ativa, sempre trabalhou em diversas áreas. Dança, canta e participa de concursos de dança no exterior. Participa há muito tempo das antologias da In House. Possui diversos livros publicados, inclusive um infantojuvenil que virou peça de teatro: **A Lagartixa Sabiduxa e o Sapo Fiapo**, também editado pela Editora In House.

*Às vezes me sinto como um pássaro,  
quero ver o mundo lá de cima.*

## A pena e o vento

Nasci de um pássaro, ou melhor dizendo – quando ele criou plumagem, apareci! Os humanos deram o nome de Bem-te-vi – muito engraçado... Eu fazia parte da asa.

Tinha no resto do corpo do meu dono, plumas no peito. Eram de um tom amarelo lindo! O resto eram penas como eu, no dorso, no rabo e no resto do corpo. Todos os dias, nosso dono limpava com o bico, cada uma de nós; pensa que nos incomodava? De modo algum – dava-nos prazer.

Fazíamos parte dele. Nossa moradia. Voava como um pássaro pelos ares... Ué, mas, ele era um pássaro. Notávamos que, de vez em quando, durante o voo, uma de nós desprendia-se do corpo dele e desaparecia. Eu, por fazer parte da asa, era um abrir e fechar sem fim.

Conhecemos rios, montanhas, campos e mares. As penas das asas das quais, incluo-me, eram amarronzadas, Voávamos na maior elegância!!! Nosso dono, cantava maviosamente!

Minhas irmãs do rabo, sofriam algum desconforto, na hora do acasalamento, afinal nosso pássaro era macho... sedutor como ele só. Sabia das coisas. As fêmeas dele botavam ovos para as ninhadas. Foi assim que descobri que viemos de um ovo. Risos.

O estranho é que elas não eram tão belas quanto os machos. Por que será?

Foi num desses voos que chegou a minha vez de desprender do pássaro, minha moradia. Fui solta ao vento. Que experiência incrível... eu rodava, dava piruetas na maior liberdade – ficava de ponta cabeça, me sentia dona do mundo, só eu e o vento.

Flanei ao sabor do vento por um bom tempo. Não sei precisar o quanto! Cada vez que o vento me empurrava, eu mudava de paisagem. Certa vez, pousei suavemente em uma casa de humanos. Acho que era um deck de madeira, com uma piscina ao lado. Pousei embaixo dele. Fiquei muito tempo lá, pois, o vento não me alcançava, e pelas frestas das tábuas, eu observava o vai e vem da família.

Certa vez, ouvi um diálogo estranho, do marido e de sua esposa:

– Esta piscina, só nos dá alegrias. Imagine com essa tal de pandemia, onde nossas crianças poderiam brincar? Nem à aula presencial podem ir... elas estão totalmente pedidas! E nós também... e estas máscaras então... sinto-me uma verdadeira marginal, tendo que ir até ao banco com elas. Nossa maquiagem fica borrada, nosso batom, chiii... nem adianta passar. Ainda temos os brincos, os óculos de sol, o penteado e, por fim, as benditas máscaras, que sem elas não podemos entrar nos estabelecimentos.

– Pois é, minha querida, nós homens temos muitos problemas também. Imagine as nossas barbas, os nossos negócios que estão indo pro beleléu!!! Nossos funcionários, estão com muito receio de serem dispensados; tive que dispensar quatro deles da linha de montagem. Não entregam as mercadorias e nem temos matérias-primas. Não vejo a hora que os cientistas descubram um meio de nos livrarmos da Covid-19. As vacinas nos dão esperanças, claro. Se estes governantes pararem de atrapalhar, voltaremos a ter esperanças.

– Nem me lembre disso, querido. Já estou ficando de cabelos brancos. Pois, se não vendemos, não podemos pagar as contas que estão vencendo. Daqui a pouco, a comida vai se escassear e nem teremos como sobreviver. Essa pandemia não escolhe ricos nem pobres, brancos, negros, amarelos... ela não tem preconceito. O dinheiro não entra, só sai. Eu estava pensando comigo mesma: será que os pássaros também estão correndo todo esses perigo?

Absorta em minhas conjecturas, não reparei que uma tábua pequena se desprendeu de algum lugar e me cobriu totalmente. Que pena!!!

*Obs: As penas são estruturas epidérmicas encontradas atualmente apenas em aves e que estão relacionadas principalmente com o voo. Além dessa função, elas atuam como isolante térmico, promovem a impermeabilização do corpo do animal e protegem contra choques mecânicos. Compõem-se de: cálcio, raque, as barbas e as barbelas. Avistar um Bem-te-vi é considerado um sinal de espiritualidade!*





## Carmen Sílvia Pereira

É natural de Ituverava, SP. Professora especializada na pré-escola, atriz e diretora de produções teatrais. Participou de diversos cursos e oficinas de dramaturgia para televisão e teatro. Publicou os livros com peças de teatro **Texto em contexto** - Volumes I, II, III e IV, os romances **Selena** e **Violino Cigano** e o infantojuvenil **Dorinha**, todos pela Editora In House.



## Por que essa Pandemia?

Ah! Pandemia!

Será então, neste caso, um recesso para todos nós!

É que tudo isso, pelo qual estamos passando neste momento, assim tão crucial, seja então combatido com fé e muita perseverança!

Pois tantos já sucumbiram!

Será Deus, um dever maior para as nossas reflexões?

Pois é o que exatamente está faltando na humanidade.

Então, é necessário existir esse aconchego que nos obrigue a ficar em casa isolados, com nossos familiares, sem nos misturarmos com as pessoas de fora, tampouco aglomerações. Pois só mesmo desta forma compreenderemos a razão disto tudo. É para termos uma vida saudável por prevenção a esse cenário que se apresenta.

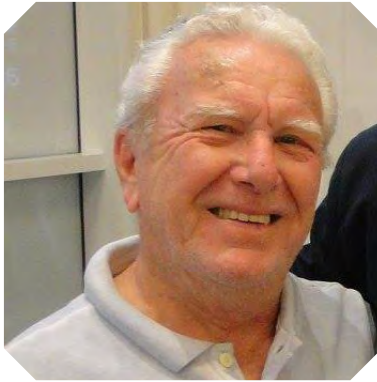
Temos de refletir que não é uma simples bobagem. Temos de nos preocupar com a nossa própria sobrevivência e das pessoas em volta, para não se sucumbirmos.

É preciso considerar como uma praga, como já aconteceu em outras etapas da história, em vários países, incluindo o nosso!

Inclusive até em Samaria e Galileia, pela passagem de Cristo, em tempos bíblicos, já aconteceram tipos de praga com o mesmo fim. Exatamente para levar a humanidade à comunhão.

Sendo assim, com sensatez e as devidas prevenções, estaremos libertos deste mal, e da mesma forma o nosso semelhante!

Vamos refletir como sendo uma lição de vida, que bem resolvida e respeitada nos levará a um bom futuro, pela graça de Deus.



## Vanderlei Negro

Escritor jundiaense com várias participações nas antologias da Editora In House. Autor do livro **Pontos de Vida e de Vista** e **Mexendo com a educação** (Editora In House).

## Sobreviver

A luta pela vida continua sendo difícil para todos, exigindo uma resistência física, mental e espiritual, bastante grandes, incluindo o autocontrole.

A sobrevivência, agora no frio, exige muito mais e nem todos tem o conforto mínimo, como os moradores de rua.

Nossa vida acompanha a natureza, acompanha e copia a natureza. Tem hora que esfria, ameniza, começa a esquentar e esquenta.

Se prestarmos atenção, vamos perceber que certos detalhes da vida também se comportam assim, como por exemplo, a paixão. Esfria quando se perde a sensibilidade, está triste, esquenta quando há energia, motivação, alegria e entre essas duas situações, temos as amenizações que aumentam ou diminuem nosso ritmo, chegando ao ápice do calor ou do frio.

Estou dizendo isso porque passei, dia primeiro de julho, por uma cirurgia para implante dentário. Ninguém passa por isso todos os dias. Não acontece de repente e requer decisão diante de alternativas, que custam também, dinheiro. Uma fase fria no frio que tem que ser superada, aquecida.

É isso que torna a vida bacana, você estar à prova constantemente, independente de idade, de qual a prova e, a cada provação vem o esforço, a coragem do enfrentamento da situação. Ficamos orgulhosos de nós mesmos, orgulho que nos move para frente, motivando, alegrando para continuar lutando pela vida nada fácil.

Todos passam por provações, testando as forças de cada um, muitos sucumbem, outros suportam e outros, ainda, superam-se, conseguindo remover, de letra, todas as pedras do caminho, se saindo como um verdadeiro vencedor. Tem que se orgulhar e comemorar, qualquer tipo de vitória, de alguma forma, além da oração de agradecimento, a força, a fé, a persistência que o levou àquela vitória.



## Eunice Cruaães Mingotti

Natural de Jundiaí/SP. Casada, mãe e avó. Professora de formação e aposentada da NOSSA CAIXA, voltou-se à escrita influenciada pela convivência com sua irmã, Mercedes Cruaães, escritora, poetisa e contista premiada. Eunice tem diversas participações em antologias da Editora In House, inclusive homenageando a saudosa irmã.

## Tenho direito ao luto!

Estou entrando nesse contexto porque a fatalidade provocada pelo Covid-19, bateu à nossa porta.

Confirmo que sou de crença espírita-kardecista e por ser uma doutrina consoladora, fornece-nos o entendimento do desencarne.

Mas, sou um ser humano, que é regido pela Lei da Preservação da Vida, e tenho meus apegos e afetos.

Relato aqui que meu filho, com quarenta e oito anos, casado, pai de um garotinho de 8 anos, foi contaminado pelo vírus da covid-19. Foi atendido conforme o protocolo no pronto-socorro. Retornou com uma receita de dipirona e um: volte segunda-feira!

Quando enfim, voltou ao hospital, seu pulmão estava 50% comprometido e sua saturação era de 88.

Internado, foi para UTI no dia seguinte e, após quatro dias, teve uma parada cardíaca.

Sua última frase ao celular foi: – Não quero morrer!

Mesmo tendo o entendimento espírita e compreendendo os desígnios da existência, sofro a dor da ausência e uma saudade calada. Não existe sofrimento e desespero. Existe a mãe que chora, como Maria chorou pelo seu filho na cruz.

Após um tempo, chegou às minhas mãos o travesseiro que lhe pertencia. Enquanto era higienizado ao sol e com álcool-gel, sua capa estava sendo lavada. Ao vesti-lo, pensei nas vezes em que meu filho deitou sua cabeça nele, preocupado com esse lockdown obrigatório que não permitia que executasse o seu serviço. Foi o ramo mais atingido pela pandemia.

Quantas vezes esse travesseiro enxugou suas lágrimas, derramadas por diversos motivos. Quantas conversas teve comigo, num desabafo para se refazer de tantas preocupações.

Mas, convenhamos, esse travesseiro testemunhou muitas brincadeiras com seu filhote, risadas ouvidas e alegrias infindas.

Tambem testemunhou uma vida a dois, na construção de um futuro, no carinho mútuo.

Apertei esse travesseiro junto ao meu peito, tentando reconhecer um pouco do seu cheiro, dando-lhe aquele abraço que não pude dar.

Ao guardá-lo, com meu rosto banhado em lágrimas pela emoção que o pensamento me levou, passei as mãos sobre ele com todo carinho que queria ter lhe passado na hora do seu desprendimento da matéria.

Tenho uma dó imensa – que não deveria – por ele ter seguido para o outro lado do risco, apenas um risco que nos separou, sem poder ter sentido esse calor de minhas mãos. Estava só!





## Aristides Almeida Rocha

Biólogo e professor emérito aposentado da Faculdade de Saúde Pública da USP. Autor dos livros: **Histórias do Saneamento** (2016) pela Editora Edgard Blucher; **O futebol do Brasil Medalhista Olímpico e Paraolímpico** (2017); **Sempre Fomos Sempre Seremos** - Relatos de um pesquisador tricolor. **A história e os títulos do São Paulo F. C.** (2018); **O basquete do Brasil em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos** (2018); **O São Paulo Futebol Clube no Atletismo** (2018); **Taças e suas histórias** (2019); **Devoção a Maria** (coautoria com Ivane de Soeiro Rocha, 2019); **A simbologia animal no futebol** (2020); **Religiosidade nos clubes de futebol** (2020); **Reflexões sobre o esporte** (2020); **Memórias de um biólogo** (2020); **Memórias de um torcedor** (2021); **Jogadores e Jogadoras do SPFC - 90 anos de história (1930 à 2020)**; **Navegar é preciso** - A saga do velejador Rodolfo Loibl (2021); entre outros.



Em tempos pandêmicos temos também de nos preocupar com um dos principais recursos naturais de nosso planeta: a água.

## Reflexões sobre a água

*A água é principio de todas as coisas*  
*Tales de Mileto*

### **A ÁGUA UM BEM SAGRADO**

Antigas civilizações, como sumérios e babilônios, consideravam a água o mais valioso presente dos deuses. Os chineses falavam da ajuda que a água traz para milhares de pessoas, sem nada exigir. De fato, Goethe, assim como Tales de Mileto na antiguidade, mais modernamente, enfatizava que tudo nasceu da água, tudo é mantido pela água.

Na verdade, à água são atribuídos poderes sobrenaturais. Ao se folhear textos de livros sagrados de diversas civilizações é possível deparar com inúmeras citações associadas à religião e à ciência.

No batismo, cerimônia destinada a livrar os fiéis cristãos do pecado original, a água está presente. Aos hindus o banho nas águas do rio Ganges é um ritual de purificação. Entre os indígenas da tribo Bambaras, no sétimo céu está o deus Faro, senhor do verbo e das águas que lança a chuva purificadora e fecundante.

Embora na civilização moderna a água não seja o símbolo da purificação, esse precioso líquido, no entanto é o próprio elemento da purificação.

A primeira reflexão do ser humano sobre sua própria imagem ressalta o filósofo alemão Ludwig Feuerbach, aconteceu ao mirar-se no espelho d'água.

A fábula de La Fontaine sobre o lobo e o cordeiro, uma das mais conhecidas, passa-se às margens de um límpido regato.

A mitologia das sociedades primitivas e o folclore de civilizações mais atuais apresentam diversas narrativas de Deus criador tomando como primeira providência o dar forma às águas e ao regime dos rios.

Na verdade a paisagem fica, sem dúvida, indelevelmente marcada pela presença de qualquer coleção d'água, uma praia, um lago, um rio, um riacho, uma fonte e até mesmo um chafariz.

Ainda que nossos rios, no mais das vezes sirvam de veículos transportadores de dejetos, paradoxalmente prestamos reverência aos rios. Basta lembrar que temos os estados do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Aliás, os habitantes do estado do Rio são fluminenses e os naturais da cidade do Rio de Janeiro, além de fluminenses, cariocas por terem nascido às margens do rio de mesmo nome, hoje canalizado e poluído.

Os rios servem também à metáfora e ao simbolismo do religioso, do pensador e do poeta. Zaratustra comparava o ser humano a um rio poluído que ao lançar-se ao oceano eliminava toda a sujeira. Dante apresenta o rio Aqueronte de águas repugnantes e asquerosas à entrada do Inferno; no purgatório, o rio Letes, o do esquecimento e, o rio Eunoe com águas calmas recordando o bem cumprido neste mundo.

Hermann Hess em **Sidarta** confere humanidade aos rios: “O rio cantava com voz plangente. Cantava saudades. Angustiado, dirigia-se à sua foz, e sua voz soava melancólica”.

Olavo Bilac, o grande poeta pátrio em “Os Rios” assim verseja:

...Sofreis da pressa, e, a um tempo, da lembrança,  
Rios no vosso clamor, que a sombra invade,  
No vosso pranto, que no mar se lança,  
Rios tristes! agita-se a ansiedade  
De todos os que vivem de esperança  
De todos os que morrem de saudade...  
Desejais regressar.

Já o filósofo francês Remy de Gourmont refere-se aos rios como um ser humano:

“O rio é uma pessoa. Tem nome. Este nome é muito velho, porque o rio, ainda que sempre moço, é muito antigo. Existia antes dos homens e antes das aves. Desde que os homens nasceram, amaram os rios, e tão logo souberam falar, lhes deram nomes”.

No âmbito da ciência há pesquisadores que têm trabalhado a água tentando atribuir-lhe verdadeiro sentimento, apresentando fotografias de cristais de aparência diferente se a água é poluída ou límpida. Mas o mais im-

pressionante são as experiências do cientista japonês Masaru Emoto sobre “a mensagem da água”. A água é aquecida a determinadas temperaturas e as moléculas são fotografadas sendo submetidas a diferentes sentimentos humanos, pensamentos e músicas. E cada cristal apresentava formas diferentes, cristalinos, turvos e outros de acordo com o pensamento ou música associados.

Ainda que muitos membros da comunidade científica questionem essas pesquisas e sua credibilidade não se deve esquecer o poder da “energia do pensamento”. E tendo em conta que o corpo humano é constituído por mais de 60% água, quem somos nós para contradizer com tanta ênfase o pesquisador japonês.

O que posso testemunhar é que como biólogo trabalhando, nos mais variados ambientes aquáticos e nas mais diversas condições sanitárias, realmente ao observar amostras ao microscópio sempre me pareceu óbvia e gritante as diferenças nas gotas d’água examinadas. E eu confesso nem estava pensando nas mensagens da água.



### **ÁGUA ELEMENTO VITAL**

A importância da água para a vida é tema tão ancestral, quanto o aparecimento do ser humano na Terra. No Gênesis encontra-se a seguinte citação: “no mesmo dia, todas as fontes irromperam das grandes profundezas e as janelas do céu foram abertas [...] prevalecendo às águas sobre a Terra”.

Realmente, a superfície terrestre é em sua maior parte coberta pelas águas, elemento vital a todos os seres vivos, um recurso natural renovável

através do ciclo hidrológico que ocorre no planeta, simultaneamente nos três estados físicos: líquido, sólido e gasoso.

Outra ponderação ao se fazer referência ao vocábulo água, quimicamente  $H_2O$ , isto é duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio, é que em geral tem-se em mente tão somente o elemento natural. E praticamente não se leva em conta que ela possibilita a existência da vida nos ambientes terrestre e aquático e tampouco se pensa nos usos ou aproveitamentos diversos desse precioso líquido.

De fato, o ser humano desde tempos imemoriais tem utilizado a água para inúmeros fins: Manutenção de suas funções vitais; higiene pessoal; preparação de alimentos; recreação; pesca; dessedentação de animais; irrigação na agricultura; navegação e transporte de pessoas e materiais; abastecimento domiciliar e industrial; produção de energia; diluição de esgotos sanitários e despejos industriais.

Vamos lembrar também que esse elemento natural é primordial ao ser humano, correspondendo de 60% a 70% do peso de uma pessoa, em média. Um corpo de 90 kg consome em média por dia, cerca de três litros de água, dos quais 53% são eliminados pela urina, 42% evaporados da pele e pulmões e 5% perdidos nas fezes.

Essas são razões pelas quais desde tempos imemoriais a água ditou o crescimento e o florescer de civilizações que sempre procuraram estabelecer-se nas proximidades dos rios. Assim, ocorreu às margens dos rios Tigres, Eufrates na Mesopotâmia e em tantas outras cidades nos vários continentes.

Outra consideração é de que, embora a maior parte da superfície do globo seja coberta pelas águas, 97,5% corresponde aos mares e oceanos de água salgada e apenas 2,5% de águas doces nos rios e lagos. Para nós brasileiros é auspicioso registrar que 12% de toda a água doce do mundo encontram-se no Brasil. Porém, nem tudo são flores, pois infelizmente a distribuição desse precioso recurso natural não é equitativa, havendo regiões de farta disponibilidade e outras de escassez considerável.

Por outro lado o ser humano em todo o mundo, não tem parcimônia na utilização das águas, estimando-se que 70% sejam destinados à agricultura; 20% ao uso industrial e apenas 10% para o consumo humano. E o que é pior a Organização Mundial da Saúde assinala que neste século, mais de 80% das doenças em todo o globo são devidas à utilização de águas poluídas.

O *Homo sapiens*, melhor dizendo o *Homo tecnologicus*, insiste no uso e manejo irracional do recurso natural água. Observe-se, por exemplo, a região

nordeste do Brasil, que padece com a crônica escassez de água. Ao invés de se aproveitar a água dos ricos lençóis subterrâneos, ou do aquífero, se insiste na prática da reversão de rios, caríssima e de sérios efeitos negativos à ecologia, sempre em nome do progresso e desenvolvimento. Esta aí o Velho Chico, o Rio São Francisco, da integração nacional, com inúmeras obras paralisadas, projeto de discutível eficácia, não resistindo a qualquer análise de custo benefício. Alega-se que o aquífero na região é muito profundo, esquecendo-se os arautos da megalomania que o petróleo é explorado a mais de oito quilômetros de profundidade no mar.

Como em 1999, enfatizava o notável geólogo nordestino, Aldo da Cunha Rebouças, professor da Universidade de São Paulo, o ideal na região seria a perfuração de poços, todavia isso não vai acontecer enquanto houver: “a ausência de um padrão cultural que agregue ética e melhor eficiência de desempenho político dos governos, da sociedade organizada, das ações públicas e privadas, promotoras do desenvolvimento econômico em geral e da sua água doce em particular”.

A Organização Mundial da Saúde, fundada em 1945, por proposição do brasileiro Dr. Geraldo de Paula Souza, várias vezes, manifestou preocupação com a utilização e qualidade sanitária das águas. Nesse sentido estabeleceu os anos 1970, como a década da água promovendo uma série de eventos internacionais e elegeu o dia **22 de março**, como **Dia Mundial da Água**.

## **A ÁGUA E OS USOS CONTROLADOS**

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a “ECO 92”, na cidade do Rio de Janeiro, 179 países assinaram a Agenda 21. O documento com quarenta capítulos versando sobre o Meio Ambiente permeia todo ele, aspectos relacionados à água. Há a partir de então sensível alteração conceitual no processo de planejamento e gestão dos recursos hídricos. Particularmente o Capítulo 4, referente ao eficiente uso dos recursos hídricos, assinala que a água doce é um recurso finito e indispensável à sobrevivência das espécies, incluindo o Homo sapiens.

Vários outros encontros internacionais, como os da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1996; o Relatório sobre Recursos de Água Doce do Mundo, 1997; as ações do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), 2001 e as edições que foram se sucedendo ao longo do século XXI, reafirmam o novo paradigma para o gerenciamento dos recursos hídricos. Fundamentalmente todos reconhecem ser a água essencial à vida

e que esse recurso natural é finito, vulnerável devendo ser protegido, controlado e utilizado com parcimônia; quando possível após os usos deve-se praticar o reuso.

Penso, portanto, que o próprio termo “recursos hídricos” leva conotação de que a água é um bem econômico sempre passível de ser utilizado quando e quanto o ser humano assim o entender. Mas o importante é ressaltar que a água, bem econômico ou não, constitui, como enfatizado, elemento essencial à sobrevivência dos seres vivos. Nessas condições não basta, às populações humanas apenas dispor de água em quantidade, mas sim que esta apresente um padrão mínimo de qualidade que a possa tornar disponível ao consumo e de modo sanitariamente seguro.

Entretanto, a inexorável evolução do ser humano e a criação de tecnologia a princípio, destinada a gerar conforto e bem-estar, processo nem sempre acompanhado de medidas restritivas visando proteger o meio ambiente e os recursos por ele proporcionados, paradoxalmente, tem de maneira brusca ou gradativa, comprometido inúmeros ecossistemas, muitos irremediavelmente.

Por essa razão as chamadas águas interiores, rios, lagos represas e mesmo as águas subterrâneas e subsuperficiais, lençóis d'água e aquíferos, verdadeiros reservatórios, apresentam-se em várias regiões de continentes diversos, contaminados e poluídos.





Inúmeros rios de importantes bacias hidrográficas e regiões estuarinas recebem in natura os dejetos das cidades e/ou lançamentos de despejos industriais, alterando a biota, comprometendo a biodiversidade, conferindo toxidez, restringindo o uso para abastecimento ou onerando o tratamento.

Historicamente, a poluição dos recursos hídricos na dimensão e escala que atualmente ocorre em vários países do globo, inclusive o Brasil, teve início na Inglaterra durante a revolução industrial na segunda metade dos anos 1700. Desde essa época se estabeleceu a prática até hoje corrente, de eleger os corpos de água como receptores e veículos transportadores de esgotos sanitários e industriais.

Talvez não se possa questionar a importância da tecnologia como atividade essencial destinada a gerar conforto e bem-estar da humanidade, e às vezes, da própria sobrevivência. Modernamente, o ser humano é capaz de superar, artificial ou artificialmente, suas limitações e deficiências biológicas, adaptando-se às mais diversas circunstâncias e variações do meio.

Contudo é preciso assinalar que utilizar a instrução para inventar, criar e implantar projetos tecnológicos deveria obedecer a um planejamento atendendo certos requisitos principais:

- introduzir inovações somente na medida em que fossem necessárias à contínua adaptação do homem à evolução do meio ambiente;

- analisar qualquer inovação em suas mínimas consequências permitindo o desenvolvimento do substrato tecnológico, mas impedindo ou neutralizando resultados secundários nocivos ao meio ambiente;
- avaliar a implantação dos processos tecnológicos com o máximo de escrúpulo ecológico.

Contudo, em nosso país, após anos e anos de negligência, à medida que as águas foram sendo conspurcadas, apenas algumas esparsas vozes de vários segmentos da sociedade, de quando em quando se faziam ouvir, alertando sobre os impactos que iam se sucedendo. Assim só muito lentamente a população e, sobretudo a classe política dirigente foi sendo sensibilizada induzindo de início a incipientes medidas de proteção.

O setor produtivo acompanhou esse movimento, nem tanto pela preocupação ambiental, mas sim pelos prejuízos econômicos sofridos afetando seus próprios empreendimentos, devido à falta de água para a produção; deterioração do produto manufaturado em face da poluição do ar; contaminação do solo gerando passivo ambiental; escassez de energia e outros óbices.

Cidades que ao final do século XIX e início do século XX, freneticamente se industrializaram, como São Paulo, transformando-se já na metade do século passado na terceira metrópole mundial, até o presente pagam pesado “tributo ambiental” pela falta de planejamento irreversivelmente afetando a cidade.

E é paradoxal saber que o estado de São Paulo mantenha atualmente a liderança nos sistemas de gestão e controle ambiental e dos recursos hídricos, exatamente em função dos inúmeros problemas acumulados devido aos desvarios com que a qualquer custo perseguiu o progresso.

Em nível nacional, a experiência brasileira em relação à gestão dos recursos hídricos apresenta ainda atualmente grandes dificuldades tendo em vista abranger regiões de características bastante díspares, conformando um universo territorial de 8.511.965 km<sup>2</sup> de superfície, incluindo 55.457 km<sup>2</sup> de águas interiores.

Evidencia-se que na verdade o que preocupa no Brasil, não é propriamente a falta ou escassez de água, quando se considera a não uniforme distribuição do recurso hídrico. Há experiência acumulada e disponibilidade atual de métodos e pessoal qualificado para o manejo dos recursos hídricos. Aliasse a essas condições o predisposto na Carta Magna do país, a Constituição de 1988, artigo 20, inciso III e artigo 26, inciso I. Esses artigos modificaram



a definição do antigo Código de Águas (Decreto nº 24.63, de 10.7.1934 que conferia competência para administração dos recursos hídricos ao Ministério da Agricultura). As novas disposições atribuem as águas aos domínios da União e dos Estados, permitindo que o país possa hoje adotar concretas medidas na gestão das águas superficiais e subterrâneas.

A verdade é que possuímos um arcabouço legal e também razoável e bem estruturado sistema de gestão das águas embasado na Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH); no Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh); na Agência Nacional de Águas (ANA), além de vários outros órgãos governamentais, em níveis estaduais e municipais.

E nesse universo não se pode esquecer a atuação da própria sociedade civil através das Organizações não Governamentais (ONGs) que exercem excelente papel fiscalizador.

Todavia, infelizmente pecamos muitas vezes por não cumprir ao pé da letra as predisposições inseridas em lei. Porém, levando em conta as considerações apresentadas e adotadas as medidas preconizadas para uma gestão adequada, crê-se firmemente que só assim se estará preservando o recurso natural água.

A propósito é pertinente lembrar São Francisco de Assis, agradecendo ao Criador: “Seja louvado, ó Deus, pela água, tão necessária, versátil, preciosa e frágil”.



## Marta Corrêa

Natural de Jundiaí. Cantora, Compositora, Produtora Musical, Jornalista, Escritora, Psicóloga, Apresentadora do programa **Esquina da Cultura** pela Web TV – bcctelevision.com. Autora, juntamente com sua turma de Jornalismo, do Livro: **Jornalismo Policial – Histórias de Quem Faz!**, publicado pela Editora In House, bem como está presente em várias de suas antologias.

## Invisível

Estava tudo bem...

E de repente ele chegou!

Inesperado, sorrateiro, perturbador, assustador, incógnito, artiloso, sinistro, *invisível*.

Estava tudo bem...

Mais um Carnaval e lá estávamos... os humanos... nós, o *homo sapiens*.

A espécie mais inteligente do planeta.

A única que tem o poder da fala e da escrita.

Privilegiados dentro da imensa diversidade de espécies que habita este Orbe chamado Terra.

“Inocentes”...

Apenas nos aglomerando novamente na mais famosa festa do globo.

Sim... inocentes até então, mas ele já estava ali... *invisível*.

Estava tudo bem...

E de repente depois da festa...

Tudo trancado, fechado, enclausurado

Como assim?

Logo eu que tenho claustrofobia e amo os dias solares, o vento na cara, as ondas do mar e principalmente o “estar com o outro”...

Fecha, abre, abre, fecha, não posso sair, rios de álcool em gel e novo acessório: máscara.

E tudo fica escuro, desconhecido, inseguro, impreciso, obscuro, incerto...

E com a incerteza vem me abraçar o medo!

E com ele sua prima: a ansiedade! Causadora de confusão de diagnóstico.

Exames e mais exames e mesmo assim ainda a dúvida...

Será que sou assintomática, será que este ser *invisível* habita em mim?

E *ele*, com a velocidade de personagem de quadrinhos, começa a invasão!

Destrói, corroe, infesta, infecciona, detona, inflama, contamina... mata!

Vida mudada, confusa, impensável, real!

Eu da varanda do meu apartamento canto para os vizinhos e para quem passa pelas ruas, os poucos que precisam sair de casa. É à minha maneira de doar o melhor de mim para espantar o meu medo, o nosso medo! E imensidões de varandas e janelas se abrem em todo o mundo. Tornam-se palcos de cantores e músicos que despertam os humanos para a importância da Arte em nossas vidas.

E assim o *invisível* torna-se visível, pois mostra orgulhoso sua “coroa” letal.

E *ele* se transmuta, vem mais forte na sua infestação e mata e mata!

E o medo se perpetua. Não só o medo do *invisível*, mas o medo da solidão...”da falta do outro”...

Eu sempre soube da importância do abraço, do beijo, do afeto, do estar...

E o medo dá lugar à certeza de que sempre, nós, a espécie mais inteligente tem em seu repertório o sentimento de esperança!

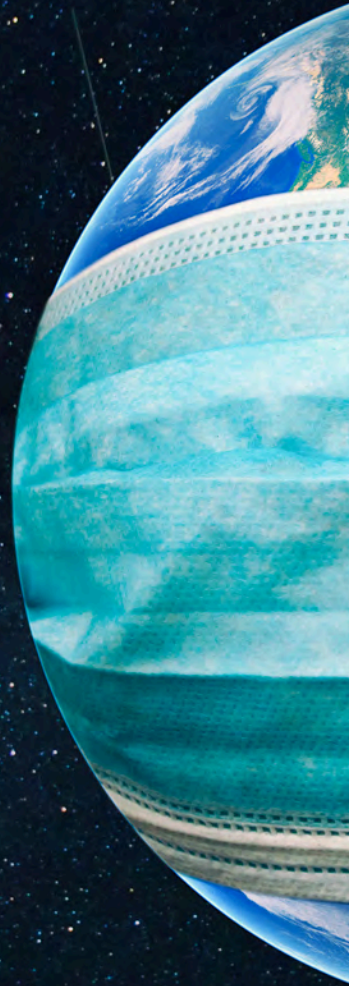
Esperança... doce palavra pronunciada como se fosse mel...

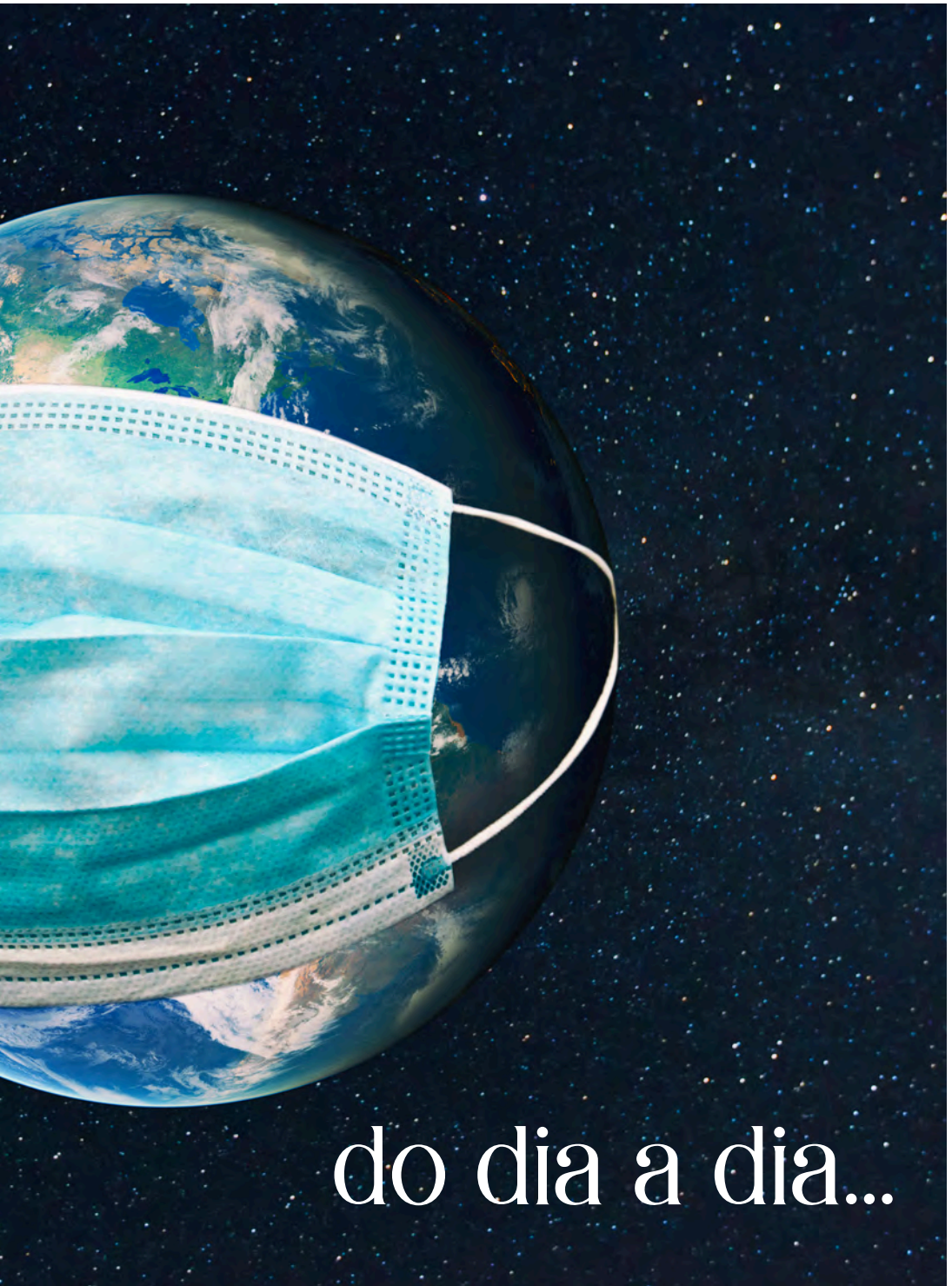
E ela se faz presente por meio da mãe Ciência e de suas tantas filhas “vacinas”. Dois elementos, que o *invisível* fez a humanidade perceber o quanto são valiosos

E dentro de mim uma única certeza! Não vamos sucumbir, pois temos outro elemento que é o único que pode transformar o humano... o AMOR!

Que venham os novos tempos!

E a poesia





do dia a dia...





## José Felício

Poeta, historiador, escritor, pesquisador, ilustrador e leciona História e Filosofia nas redes pública e particular do Estado de São Paulo. É autor de **Uma Poética Política** e **Uma Poética Política II: O engodo da alegria e outros protestos**. Coeditor da Revista Literária **JLetras**. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras. Mes-trando em Ensino e História de Ciências da Terra – IG/Unicamp. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP e o grupo de escritores *Palavras sem Fronteiras*. Contribui com o portal de artigos Locomotiva Cultural. É pesquisador no Labore/Cepagri – Unicamp. Participa do Movimento Subsistência, responsável por arte de rua e projetos integrando arte e educação. É o idealizador e curador da exposição *Mais África na Escola*. É o organizador e orientador do Projeto Livro **Agora é a nossa voz - O que temos para dizer**, Vol. I e II. Responsável pela exposição *Ao vosso trabalho, a nossa gratidão*. Cocriador do Projeto *Diálogos Poéticos e Sala da Esquerda*. Participou da organização das obras **Memórias de Confinamento**, **Navegar é preciso, viver não é preciso** – Uma antologia sem rumo, **Solstício da Alma**, **Palavras Sem Fronteiras: um legado para a Humanidade** e **Femina**. É criador do blog **memorifique**, onde publica seus raciocínios de forma livre.



## Dia após dia

---

Minha face ainda habita  
sob o sal das águas que a inundara,  
mas, as mesmas águas  
insistem em afogar-me  
dia após dia.  
Não é água, a minha salvadora,  
mas é minha.

Meu corpo ainda sente as dores  
que já se foram,  
e retornam sem piedade,  
sem clemência,  
sem cautela  
e sem trégua  
e agridem-me dia após dia.  
Eu luto.

O ar,  
é-me pesado, duro, seco, sem calor,  
mas queima-me  
sempre que lhe busco  
e ele foge,  
como se a mim temesse.  
Como se a sua extinção  
ou sua existência  
dependessem de mim  
tê-lo  
ou dele desfazer-me.

Meu peito está quebrado,  
foi pisoteado pela paúra,  
pelo desespero,

pela agonia,  
pelo medo de tornar-me ignávio  
ante o risco da perda  
daqueles por quem desperto  
dia após dia.

Minha força anulou-se,  
quedou-se entre o ir e vir.  
Não sei por onde sigo,  
mas sigo.  
Os passos...  
passo após passo...  
mais instáveis,  
mais medrosos,  
mais inseguros,  
mais incertos  
sobre uma superfície caudalosa e caótica.

Minha mente ainda resiste,  
resiste ao embate,  
resiste ao declínio,  
resiste a ser otimista,  
resiste a ser pessimista,  
resiste ao imaginário,  
resiste ao real.  
Não há real.

Mas a vida em mim resiste,  
resiste em ir,  
quer permanecer,  
mesmo sendo impermanente.  
Pois a alegria dela depende,  
sem ela, apenas a lembrança  
dia após dia  
traz aquilo que já se foi,  
mas não são mais aquilo partido.





## Márcio Martelli

Contador de histórias e escritor nascido em Jundiaí, São Paulo, Brasil, no ano de 1968. É guardião da palavra e da memória cultural da sua contemporaneidade. Membro efetivo da AJL – Academia Jundiaense de Letras e da APP – Associação de Poetas Portugueses. Idealizador e coordenador do grupo *Escritores Sem Fronteiras* e das lives *Fala Escritor!*. Editor da revista **JLetras** e cocriador do *Projeto Diálogos Poéticos*. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Como editor produziu mais de 900 títulos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro. Publicou mais de 40 livros autorais. É coautor do livro, ao lado do artista português Roque Gameiro (1864-1935, Lisboa) de **Lisboa Intemporal – 100 imagens do último século (1910 a 2010)** – Uma visão artística e fotográfica (2011). Em 2016, lançou na 86ª Feira do Livro de Lisboa e no Espaço T (Sala Unesco), na cidade do Porto, o livro: **Toda Pessoa deve ir a Lisboa**. Publicou **Pessoinha** – Fernando Pessoa para crianças, Vol. I e II. Atualmente está em produção de mais seis livros – dois autorais e quatro em coautorias.

# Uma morte anunciada

---

Ela virou estatística  
O corpo inerte jaz esquecido  
Livre de toda tubulação que o prendia  
E o segurava à vida  
Agora preso em negros sacos  
Como a mais completa escuridão

Mães lacrimejam sentindo  
A dor mais forte da existência  
Irmãos abraçam-se incertos  
E na mente a pergunta inquieta:  
– Quem será o próximo?

Na manhã seguinte o ritual prossegue  
A vida que corre  
As notícias que chegam  
A dose que nunca aparece  
Para aliviar e dar esperança sobre este mal  
A falsa alegria e o medo

No jornal são anunciados recordes  
Como se fosse uma disputa insana  
Forças opostas em guerra  
A arma - a ignorância humana!

Disparam tiros ferinos  
Que saem da boca do homem  
É o mal que corrói a tudo  
Repetindo a história que perpetua  
Insanidade geral  
Enquanto as mães continuam a chorar

Ela virou mais um número  
Ela se tornou mais uma vítima  
Morreu pela madrugada  
Transformou-se em estatística

# Dor de uma saudade

---

Lá fora, nas ruas, o silêncio da estranheza  
Caos, medo, frio, pandemia e incerteza  
Aqui dentro de mim mora um anjo protetor  
Pousado sobre as ruínas a observar com fervor  
Os poucos carros ocupam as vagas antes repletas  
Os sem-teto, com fome, não têm a quem pedir  
Dói aqui dentro nada poder fazer para conter  
O frio, o temor e a farsa que se tornou viver  
Se sinto saudade? Sim, sinto saudade de quando  
Era somente um mundo sem nada  
Um planeta se extirpando aos poucos  
Hoje restam marcas dessa profunda solidão  
E uma esperança tardia que isola tudo a todos  
Um pequeno vislumbre de um novo velho mundo  
Uma nova Terra tão desgastada e errática  
Dói demais essa saudade  
De tocar seu corpo, beijar seu rosto  
De entender que nada foi em vão  
Foi apenas uma construção insensata  
Uma dicotomia entre o ser e o não ser  
E somos! Um único ser, uma única nação  
Em busca do ser feliz para viver em plena união.

## “Für Elise”

---

As teclas do piano soavam a melodia de Beethoven  
A canção preenchia todos os cantos do apartamento  
E um frio, que vinha de não sei onde, sussurrava ao meu ouvido  
É para ela essa canção, na imensidão do firmamento

Tomado de súbito, meu coração, pela notícia, estancou  
Num lapso de tempo, findou-se toda uma história  
Término de uma vida, uma voz que se paralisou  
Restou-nos seu encanto, seu riso e glória

É para ela, insistia Beethoven, é para ela  
E “Für Elise” ainda invadia minha mente  
Com suas notas repetindo frases tão belas  
Tornando em meu pensamento tudo tão coerente

O relógio do tempo dizia: chegou a hora!  
E por mais que não acreditasse no que lia  
Era a mais pura verdade e meu coração chora  
Minha amiga Laura, para outra orbe partia...

*Em memória de Laura Pangoni, amiga de berçário  
(07/05/1968 – 24/06/2021)*







## Susana Ferretti

Susana Aparecida Ferretti Pacheco, natural de Jundiaí, é graduada em Direito, Especialista em Criatividade e Produção de Textos, em Didática do Ensino Superior e em Direito do Estado (Direito Administrativo, Constitucional e Tributário). Descobriu o gosto de expressar-se em poesia e prosa na adolescência, e vem mantendo, desde então, contínua produção textual. Em 1992, a poesia “Sentimento” foi premiada no XII Concurso Raimundo Correa de Poesia e publicada no livro *Poetas Brasileiros de Hoje*, Ed. Shogun Arte, Rio de Janeiro. Em 2002, o conto “Um olhar sobre o tempo” foi laureado com o 2º lugar no II Prêmio Brito Broca de Literatura de Guaratinguetá /SP. Em 2003, a poesia “Uma mulher chamada dor” foi premiada com o 3º lugar no Concurso Literário “1ª Medalha Drª Aurea Maria de Jesus de Guaratinguetá” e, em 2004, novamente foi agraciada naquele concurso com o 2º lugar para a poesia “Juramento”. No mesmo ano, sagrou-se vencedora da Categoria Adulto no Concurso de Poesias e Crônicas de Louveira/SP, com a poesia “Liberdade”. Em 2005, a poesia “Tons do Vermelho” foi selecionada para integrar “e-book” do Portal Literattu, de Porto Alegre/RS. Participou das Coletâneas anuais da Editora Komedi, de Campinas/SP, em 2003, 2004 e 2005. Tem participado de diversas antologias da Editora In House, de Jundiaí, desde 2005. Em 2006, com a poesia “Senhora do Japi” esteve presente no evento EnCantos do Japi, promovido pelo Grupo Arte em Ação, em Jundiaí. Em 2007 e 2008 foi uma das organizadoras da antologia **Nossas Mulheres**, da Editora In House. É autora de **À Luz da Lua** e coautora, com Márcio Martelli, de **Silêncio, Sons, Emoções, Palavras**, ambos publicados pela Editora In House, de Jundiaí. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí – AFLAJ, da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas – AJLJ e da Academia Jundiaiense de Letras – AJL, da qual é a atual Presidente.

# Renascer

---

Morre-se.  
Todos dias, minuto a minuto.  
Viver, então, é mais que preciso.  
Deixar as coisas fugidias  
Na gaveta do tempo passado.  
Celebrar cada amanhecer  
E saborear cada novo encontro,  
Livramento, com a alegria,  
Que se julgava perdida.  
Esquecer o que feriu.  
Deixar o inesperado nos invadir  
E ser feliz sempre.  
Renascer é teu nome.  
Amor, o sobrenome.  
Chegaste brindando a vida,  
Que se brinde à lua.  
Para que o presente e o futuro  
Se derramem, se o céu permitir.

# A dor do palhaço

---

Vida vem e vai  
E dói muito.  
Traz golpes profundos.  
Joga no abismo  
Todas as crenças.  
A pandemia sepulta  
Muito do que se sonhava.  
Traz um gole, em copo cheio,  
De amargo veneno  
E a morte,  
Que vem sorrateira,  
Pode chegar por uma ínfima fresta.  
Para se viver o riso da vida  
Assim dizia o palhaço:  
– Seja bem-vindo, nobre público!  
– Hoje tem palhaçada!  
Mas agora:  
– Não, não tem não senhor!  
Nem choro, nem lástima  
Porque tanta dor  
Estancou todas as lágrimas.





## Carlos Thompson

Jornalista, gaúcho, gremista, é fã de Jorge Luiz Borges, Fernando Pessoa e Mário Quintana. Escreve poesia desde os nove anos de idade. Gosta de caminhar na praia do Cassino, em Rio Grande, e no bairro da Pompeia, em São Paulo. Anarquista, admira Allan Kardec. Escreve para viver e vive para escrever. Marido da Vera, pai da Júlia, padrasto do Marcelo, do Bruno e da Camila, e avô da Olivia, aprendeu a escrever com a mãe, Teresinha, quando teve de fazer a primeira composição (redação).

# A peste

---

A janela,  
É o símbolo destes dias,  
Sombrios, mesmo com sol,  
Frios, mesmo com calor,  
Desconcertantes,  
Inquietantes,  
Medievais,  
Com a nova peste,  
Como um Beau Geste,  
Estamos na Legião Estrangeira,  
Temendo a morte sorrateira.  
Pela janela,  
Olhamos para um mundo,  
Que terminou em um segundo,  
A rima é pobre,  
Mas o medo nos cobre,  
Nas noites frias de inverno,  
Contra o vírus eterno  
Não há luar nem céu bonito,  
Quando se olha para este lado,  
Mas cientistas criaram vacinas,  
Também da noite para o dia,  
E a Central Única das Favelas,  
Abriu milhares de janelas,  
Angariando ajuda aos vulneráveis.  
Percebemos não ser inoxidáveis,  
E que votar pode custar caro,  
E nos levar ao desamparo.  
Enquanto o vírus extermina, há  
Antivacina,  
Anticiência,  
Antimáscara

Anticuidado  
E a Terra gira,  
Apesar do terraplanismo  
A pandemia em mim,  
Não é princípio nem fim,  
É um meio doloroso  
De pensar em um mundo diferente  
E descobrir como seguir em frente.

Nota do autor: *Beau Geste* é um filme estadunidense de 1939 do gênero aventura, produzido e dirigido por William A. Wellman. Baseado no romance homônimo de P. C. Wren, uma história clássica da fraternidade entre irmãos que se alistam na famosa Legião Estrangeira Francesa. Significando esse serviço militar um verdadeiro suicídio, a Legião era vista como uma saída honrosa para homens desesperados e sem alternativas e que só esperavam a morte. Mas também podia ser uma aventura irresistível para jovens cavalheiros, como eram os protagonistas do filme.







## Rosalie Gallo y Sanches

Mestre em Língua Aplicada ao Ensino de Português pela (PUC/SP) e Doutora em Teoria Literária (UNESP/SP). Com diversas premiações nacionais e internacionais. Membro da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Publicações: **A memória invisível / La memoria invisible** (2001), **Eu vi onde termina o mar** (2003), **Lúisas** (2010), **O paciente de Jorlene** (2018), **A coroa da menina** (2020), **Ramos e outras estranhezas** (2020).

## Onde estão?

---

Procuro em mim os anos passados  
e os encontro nas rugas.  
Encontro-os também nas roupas apertadas,  
na decomposição dos fatos,  
no atrito entre o querer e o ser,  
na juvenil ilusão de que o tempo não passa  
e de que serei sempre jovem.  
No equívoco factual,  
na consciência cruel,  
no momento da dor,  
no fim da vida  
descubro que não vivi.  
Viveram em mim pessoas  
e eu não resisti ao ataque,  
à violência,  
ao conforto da omissão.  
Agora, pouco me resta.  
Quase nada  
ou nada mais.

Para a outra margem do Aqueronte  
– se paga a passagem –  
Caronte me portará em andrajos  
e então,  
e na hora certa,  
envolta em noite e escuridão  
ver-se-á se a alma brilha.



## Fábio Spina

Escritor jundiense, com três livros publicados e mais de vinte trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletaneas. É casado com Stela e pai de Raul, formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e atualmente também se encontra como presidente do Gremio Cultural “Professor Pedro Fávoro”.

# Soneto do isolamento

---

Eu queria novamente ver gente;  
Sair correndo e pulando pela chuva;  
Sorrir, beber, falar, ficar contente;  
Ir a festas, estar de novo em turba.

Eu queria poder sair livremente;  
Andar de rosto aberto, ver sorrisos;  
Abraçar forte, sem culpa na mente;  
Pegar na mão, não ser mais impreciso.

Mas a sombra paira em nós, invisível;  
Nos trancando, limitando, irritando;  
Levando-nos a beira do impossível.

Eis que surge luz na ponta da agulha;  
Duas doses de uma esperança nua;  
Vamos voltar a contemplar a Lua.



## Susana Bueno de Souza

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e escritora.  
Aprendendo a seguir nos protocolos de segurança.

# Esse tempo

---

Sem certezas  
O medo  
Das incertezas  
A vulnerabilidade  
Assim tem sido  
Dia a dia  
Mês a mês  
A pandemia assim  
Em mim  
Se fez

Na rotina  
No trabalho  
Entre medos  
Incertezas  
Seguindo  
Sem desistir  
Porque vai passar  
A pandemia  
Suas marcas vão deixar



## Ivonete Piccinato de Freitas

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: **Dezembros** (2017), **Escritores Brasileiros**, Vol. II, (2018), **Encontro Além-Mar** (2019), **Memórias do Confinamento**, **Navegar é Preciso e Solstício da Alma** (2020) – todas da Ed. In House. Participação no livro **Gotas de Alegria**, de Nilton Gutierrez (2017). Lançou, em 2021, seu primeiro livro: **Casa de Vidro**, pela Editora In House. São Paulo, Capital.



# Homenagens

---

O ano passado, por essa época do ano, eu perguntava:  
Como vai você?  
Eu diria que não era difícil receber as respostas.  
Todos queríamos dar e receber um abraço.  
E a gente preparava um bolo  
e o repartíamos através da tela do celular.  
Às vezes fazíamos um treino forte,  
de bíceps, ou corríamos dentro de casa.  
De repente, batia na gente, um baita cansaço.  
Olhávamos o luar, e tentávamos contabilizar as estrelas.  
Dávamos uma espiadela nos telejornais,  
e sentíamos arrepio daquelas mazelas.  
A gente rezava muito e acendia uma vela.  
E íamos às redes sociais para o aprendizado de um saboroso pão.  
Olhávamos nossas roupas ficando démodé dentro dos armários.  
Um dia, num rompante,  
desejamos ter um animalzinho de estimação.  
Desistimos! Melhor cuidar de um vegetal.  
Praticamos juntos meditação e fizemos muita oração.  
Até aprendemos juntos a dizer “não”.  
E quanta saudade sentimos juntos!  
De quem?  
Do quê?  
Daquele familiar.  
Daquela amizade.  
De um mundo idealizado sem tanta maldade, com mais igualdade.  
Desejamos estar de volta ao colo quente de nossas mães.  
E recordamo-nos daquele baile de formatura,  
ou de entrar de cabeça em alguma aventura.  
Implorei por presenças, e até arranjei alguém  
para ler meus poemas pobres de rimas.  
Eu desejei saber de todos.

E num dia qualquer do ano que se iniciava,  
cheio de esperança, veio a notícia.  
A rotina estava alterada.  
Suas mensagens deixaram de ser enviadas.  
Você ficou calada.  
Eu pensava em você, dia e noite.  
E fiquei sabendo da gravidade de seu estado de saúde  
E o silêncio eterno se fez. E chorei.

E depois, sem mais nem menos de uma voz rouca,  
mais alguém muito amado se foi.  
A presença da força de oração também se calou.  
Eu juntei mais um choro ao que já se fazia.  
E foi ao Pai um irmão.  
Ainda estamos incrédulos, da falta da amiga, da falta do irmão.  
Olhamos tanto procurando pelas últimas mensagens do celular!  
Quando foram as últimas trocadas?  
E, de repente, outra doença nos acometeu,  
bem daquelas que se tem receio de seu nome pronunciar.  
E aqui estamos, dentro de um hospital,  
depois de muito nos resguardar, expostos,  
temerosos, vulneráveis,  
necessitados de muitas orações e boas vibrações.  
Eu e você, juntos, para o que der e vier...

Descansem em Paz, minha amiga Marly Yamaguchi  
e meu irmão de coração, Nelson de Freitas.





## Flavia Cunha

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Nasceu em Espírito Santo do Pinhal/SP, no dia 25 de dezembro de 1946. Tem quatro filhas e uma neta. Gosta de escrever poesias, geralmente voltadas às maravilhas da natureza e à observação dos problemas e sentimentos humanos. Faz parte da Academia Barretense de Cultura e do grupo RELIARTES, também barretense. Em Jundiaí, pertence ao Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro, à Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e à Academia Jundiaense de Letras. Publicou seis livros de poesias, participando também de inúmeras coletâneas da Editora In House. Faz parte do grupo **Palavras Sem Fronteiras**, criado pelo editor Márcio Martelli, tendo participado de vários e-books que futuramente farão parte da Feira Literária de Lisboa (todos eles editados pela In House). Em agosto de 2019, fez o tributo a Cora Coralina, sua escritora predileta, em evento da Academia Jundiaense de Letras. Em 2020, participou de duas coletâneas da cidade de Barretos: **ELAS nas Letras** e **Escritores de Barretos**. Ainda em 2020 participa do livro **Femina**, com outras quatro escritoras, também uma criação do editor Márcio Martelli. Durante esta pandemia tem tido muitas inspirações, colocando seus versos nos grupos de literatura e amigos do Whatsapp, como uma forma de ligação quase diária com outros escritores.

# Tempos difíceis

---

Tempos difíceis, muita insegurança  
Quanta saudade de se reunir  
Com os parentes e os bons amigos  
Mas ao proibido é melhor resistir

Enquanto isso o Sol brilha no céu  
Ou vem a chuva a nos refrescar  
As flores desabrocham nas manhãs  
Será que pensam em nos consolar?

Flores não pensam, mas são coloridas  
Por um momento olhamos para elas  
Esquecendo um pouquinho as rudes provas  
As alegrias perdidas e as sequelas

O mundo nunca mais será o mesmo  
O ser humano vai mudar também  
Mas é preciso que acreditemos  
Que Nosso Pai só nos deseja o Bem



## Sandra Regina Librelon

Advogada, Educadora e Escritora. Autora de dois livros infantojuvenis: **Chilling Stories - Historinhas de arrepiar** e **O fantasma do aniversário**. Também publicou o livro jurídico **Sob Controle - Assédio Moral No Âmbito Religioso**. Participou de diversas antologias da Editora In House.

# A redenção

---

Nunca ouvi tanto barulho em meio ao silêncio  
Nunca tanto medo e soluços nos pensamentos e na mente.  
Nunca antes tanta incerteza em meio a tantos cheios de certeza  
Mesmo em meio tantos cultos nada de certo se resolveu.  
Nunca antes a diferença apareceu e com raiva os outros emudeceu.  
O que era bonito e viçoso empalideceu  
E o choro na surpresa nenhum consolo convenceu.  
A face escondeu e só os olhos não mostram quem sou eu,  
É o perfeito disfarce para o pânico e a dor.  
Brigam em busca da salvação,  
Resignada confesso impotente  
Preservar a mente é uma obrigação.  
Inventaram mundos paralelos,  
Vivem cada um a sua dimensão.  
Por certo não seria resistente,  
Inventei o abrigo da redenção.  
Acreditei que estou dormindo  
E que sempre é domingo  
E quando acordar todo mundo estará sorrindo  
Porque nenhum um dia dura uma pandemia  
E a vida deve ser apenas alegria.



## Claudevalda de Souza

Assistente Social, Especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social-SUAS, Pedagoga, nordestina, parda, mãe, avó que carregava em seus sonhos o desejo de se expressar através da escrita. Ficou muitos anos sem escrever, a partir de uma circunstância, a vida apresentou a poesia como uma fonte de superação, amante das letras ela agarrou-se a essa oportunidade e ousou reviver seus sonhos de infância. E nesse ano 2021, iniciou esse feito com participações em algumas coletâneas, a saber: **Extraordinárias Mulheres** (Editora MWG); **De Eva a Frida As Dores e Amores de Ser Mulher** (Editora In House); **Proliferando Poemas e Poesias** (Editora MWG); **Minha Poesia da Sorte** (Editora MWG); **Parto Normal “Escritas de uma Oficina Parideira”** (Editora Feminas), bem como, algumas publicações no site Recanto das Letras e no Instituto Pró-Diversidade.



# Dependemos um do outro

---

Uma voz ecoa pelo infinito  
O ser humano encontrou-se  
Em uma aflição sem precedentes  
Um vírus tem silenciado a humanidade  
Esse vírus espalhou-se pelo globo terrestre  
Em todos os lugares no Planeta Terra  
Lágrimas foram derramadas por luto  
Esse vírus alterou completamente a nossa vida  
Mostrou-nos o quanto somos frágeis  
E dependemos um do outro  
Talvez, quem sabe! De forma perversa  
A vida brincou com a humanidade  
Na tentativa de nos ensinar  
Empatia e alteridade  
Pois em pleno século XXI  
Onde a ciência se apresenta com excelência  
Fomos obrigados a recuar  
Para compreendermos a efemeridade da vida  
A necessidade do cuidado  
Cuidar de si mesmo e também do outro  
Valorizar a vida em sua essência  
Entender que independente de posição social  
De recursos financeiros, cor da pele e etnia  
Somos apenas seres humanos  
Em um vasto universo a ser desvendado  
De forma coletiva com equidade e justiça social  
Para todos e todas no Planeta Terra.



## Dalton Luiz Sibinel

Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: **Uma pérola esquecida** (2010); **Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida** (2011); **Descompasso da Administração Pública** (2015); **As nuances de uma curiosidade** (2017) e **O ápice dos pensamentos** (2020).

# O silêncio do isolamento

---

A alma fica perplexa no exemplo  
Precisando de calma e sem festa  
Os corações assustados dentro de um templo  
Como galhos escondidos na floresta.  
O recolhimento de uma vida  
Enganando a passagem das dores  
Que permeiam a fase sentida  
Desenhando sem o brilho das cores.  
Os inertes, não produzem e atrasam  
Os frutos não ficam e correm  
As horas que não passam  
Os dias amedrontam e fogem.  
O mundo virou uma lata vazia  
O vento deixou de cantar  
As sementes aguardam o outro dia  
Só os livros não estão a calar.

# O inverno e a pandemia

---

A estação mais fria, não permite atalho  
É prestigiada de requinte do aproveitoso  
Num caráter humano pedindo agasalho  
Pois o inverno pode ser rigoroso.  
O revigor da mente fraca vai ser nobre  
As reclamações do cotidiano se esquecem  
Neste calor que ama muito. A Covid-19 encobre  
Podendo congelar, mas os corações aquecem.  
O castigo do frio e do vento forte  
No corpo, deixando os rostos gelados  
Mas resfriando o mal, e acendendo a sorte  
Nos pseudo abraços carinhosos, dos namorados.  
O frio e a chuva alegrando o sol e o vento  
Que sopra a felicidade pela emoção  
Produzindo amor e luz, do invento  
No combate, incessante, de uma nação.





## Ariadne Rodrigues de Moraes

Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (instituto isolado da USP), Curso de Português na Faculdade de Letras de Lisboa, Certificado de Curso de Francês pela *Faculté des Lettres et Sciences Humaines da Universidade de Besançon*/França. Atuou como Secretária executiva bilíngue em empresas multinacionais de São Paulo e Piracicaba. Atualmente dedica-se como voluntária em uma instituição que cuida de crianças com câncer em Piracicaba. Como atividades extras canta no Coral da ESALQ-USP de Piracicaba/SP. Entre suas preferências musicais estão os clássicos e o popular. Em 2021, lançou o seu primeiro livro autoral, o romance **Vitória** (Editora In House).

# Perdas

---

Verti todas as lágrimas  
Derramei todo o meu pranto  
E em cada um que se vai  
Aumenta o meu desencanto...

Perder amigos é dolorido  
É uma dor que não tem fim  
É essa falta imensa  
Que cresce dentro de mim...

Esse peso que nos abate  
Seria talvez explicável  
Porém da forma que veio  
É absurdo e abominável...

Tento entender essa fase  
Infeliz que estamos a enfrentar  
Mas me falta a justificativa  
O apoio em que me agarrar...

Até quando aguentaremos  
Tantas perdas, tantas agruras  
O desespero que se avoluma  
Numa Interminável desventura...

Vou em busca da esperança  
Por onde que quer que caminhe  
Talvez encontre por lá  
Um novo mundo que se alinhe...



## Márcia da Silva de Oliveira

Nasceu dia 10 de julho de 1983, na cidade de Grandes Rios/PR. Veio pra Jundiaí/SP aos 10 anos, onde reside atualmente. Começou escrever poemas aos 13 anos na escola, sendo incentivada pelos professores a trilhar o caminho da escrita. Graduada em Filosofia e Pedagogia, atuou na educação infantil como pedagoga, participou de Concursos Literários, Antologias e Saraus. Busca nas artes contribuir para uma sociedade mais humana, encontrando sua essência na poesia.



# Longa espera

---

As horas passam, os dias se vão  
Mais uma noite de solidão  
Lá fora a incerteza de um futuro  
Aqui dentro estou no escuro.

As horas passam, os dias se vão  
Um passado de recordação  
Em um mundo de inseguranças  
Restam apenas as lembranças.

As horas passam, os dias se vão  
O poder da oração  
Sustenta o meu caminho  
Pois sigo só e sem carinho.

As horas passam, os dias se vão  
Surge uma luz na escuridão  
Mas existe um tempo que esperar  
Ainda não podemos nos encontrar.

As horas passam, os dias se vão  
A vida em transformação  
Uma longa espera para renascer  
E voltar a viver.



## Lincoln Henrique dos Reis Sposo

Nasceu no dia 15 de abril de 1991, na cidade de Bilac/SP. Atualmente reside em Monte Alto/SP. Introverso encontrou na poesia e na arte uma forma de se expressar ou esvaziar-se, começou a escrever na sua adolescência os primeiros esboços e aos poucos encontrando sua identidade na qual ainda está em busca. Atualmente está cursando Psicologia. Escrever tornou-se um processo terapêutico.

# Dualidades

---

Caiu das nuvens que andava,  
ultrapassou do solo ao inferno no vácuo  
perdeu amores  
Pessoas e esperança que no peito abriram buraco  
sentiu a saudade como um punhal vazando ar do pulmão  
e lágrimas como hidratação  
quando o médico balançou a cabeça em negativa  
parecia um superpoder que perdeu seu chão  
depois, teve que reaprender ressignificar  
igual fisioterapia  
Terapia para voltar a andar  
com o tempo foi adornando o buraco  
fazendo um poço com botânicas envolta  
cultivar no jardim das memórias as lembranças  
que não puderam serem mortas  
tentando sair do inferno foi escalando as fases  
energizando de inspirações e motivações  
aos poucos construindo uma base  
chegou ao solo dentro de um mundo pandêmico  
lançado ao isolamento num labirinto de espelho  
com seu EU endêmico  
infectado de medo, frustrações  
que despertaram sua vulnerabilidade  
e por ansiedade,  
quebrou alguns espelhos para testar sua realidade  
se ferindo enquanto o cenário aterroriza e produz pânico  
insuficiência, tentando ser produtivo, mas só estava sendo mecânico  
crises existenciais e solidões mutando, ele precisava se acalmar  
sai por aí para pegar um ar  
e num momento vago,  
houve um apago...

(Salto cronológico)

...Deitado, olhando os destroços e o céu está cinza  
 confuso, quando retomou a consciência  
 buscou revisitar os instantes que a memória exigia  
 enquanto seus dedos em seus cabelos acariciaram  
 acho que foi aqui que tudo iniciou...  
 num olhar que carregava o universo e nela ele desenhava constelações  
 um abraço acalentador que trazia calor desencadeando sensações  
 sabe quando o tempo para? Entrou neste loop atemporal  
 as conversas dela e sua presença era especial  
 O sorriso dela é um convite ao pedaço do paraíso perdido  
 ela despertou novamente o que de bom  
 havia adormecido meu bem (Obrigado!)  
 Sabe quando tudo muda do nada,  
 quando a mão dela abanou acenando um tchau  
 Acendeu-se uma tempestade nos sentidos  
 que suas mãos balançavam num temporal  
 assim que ele recordou o porquê do céu cinza  
 entendeu que era um adeus, agora vai ter que tentar superar ela,  
 sofrendo, mesmo que finja (que não, difícil!)  
 teve que deixar ir, ela não tem culpa,  
 ele sabia que é inevitável conviver com partidas  
 estava na beira do cais ponto de encontros e despedidas  
 onde o para sempre são os instantes que dura  
 escolhas de outrem é aquém do que a gente procura  
 Talvez ela descubra os trechos destes versos em algum livro  
 e saiba que ele amou ou continua a amar  
 Ele escreve como quem envia cartas  
 dentro de uma garrafa lançada ao mar...

Quando o telefone toca, num súbito ele desperta, olha na bina e o número é 011, ignora e olha os pratos na mesa, seu filho pergunta o que estava pensando, ele balançou a cabeça positivamente e terminou o jantar, beijou a testa do seu filho e foi ligar o notebook, hoje tem aula on-line da faculdade, ele sorriu e continua vivendo e tentando sobreviver às inconstâncias e contingências da vida.





## Dam Nascimento

Publicitário, engenheiro civil e escritor. Apaixonado pelas artes e pela escrita, desenvolve ensaios literários desde os 14 anos, por vezes crônicas do cotidiano, em outros momentos com o filtro voltado a poesias e romances. Já participou de algumas antologias literárias, possui duas premiações em concursos de poesias: **Poesia em movimento** (2013) e **Arte à Flor da Pele 2** (2021) e um livro publicado intitulado: **O Enigma dos Santucci**.

# Deixe-me chorar

---

Cristais de sal sobre a pele fria  
Tocar a valsa triste ao findar o dia  
Ficar sozinho ao vento  
Perdido em meio ao tempo, calado

No entender de não estar  
E estar em tudo  
De ver a racionalidade sumir  
E o coração tomar conta

De aceitar o seu caminhar  
E entender meu egoísmo  
Em te querer  
Pra sempre

Ainda que não distante  
Seu sorriso me aconteça  
E a lembrança me traga o calor do seus braços  
Num fim de tarde azulado

Nunca adeus  
Sempre até logo  
Mas, por enquanto  
Deixe-me chorar

# Força estranha

---

E um dia, a dúvida vem  
E o cansaço te fará questionar quem és  
As cicatrizes e os retalhos  
A lembrança do que projetou ser e as regras da vida

O olhar do invisível e o carinho de mãe  
O medo de se perder do que acredita  
A indefinição entre o suor e a lágrima  
Todos os dias recomeçar

E quando o jogo parecer perdido  
Ela vem  
Uma força estranha subindo as raízes  
Renovando tudo

A dor já não importa  
O florescer da essência é indestrutível  
Nada aplacará o caminho  
Mas no tempo certo, antes do pôr do sol terás vencido







## Ronaldo Martelli

Jundiaense. Atualmente reside com sua família em Valinhos/SP. Gerente de TI. Poeta com participações em várias antologias. Atualmente prepara e organiza seus poemas para a publicação de seu livro solo para lançamento em 2021.

# A francesa

---

E o que é que você fez  
Se as pessoas são felizes  
E se o mundo mudou,  
Quando era a sua vez  
E se todas forem atrizes  
E você não planejou  
Quando ela falou francês  
Que você fez?... Gaguejou

E se amanhã for domingo  
E você dormir até tarde  
Enquanto você está indo  
O fogo do dia arde  
A francesa te deixou  
A sua carteira levou  
Não tinha dinheiro mesmo  
E você... riu ou chorou?

Só uma palavra camarada  
Ela nem era francesa  
E também não era falada  
Tinha um sorriso tão branco  
Boca feita pra risada

Vou terminar sua história  
Que o tempo não consome  
Sem dinheiro, sem francesa  
Sem vontade, sem beleza  
Diacho de homem mais mole!

# Brasil, uma raça de fibra entra na Segunda Guerra Mundial!

---

Entre fevereiro e agosto de 1942, navios mercantes brasileiros foram torpedeados, supostamente por submarinos alemães, provocando no Brasil indignação generalizada e a declaração de guerra conta o Eixo, na Segunda Guerra Mundial.

25.534 brasileiros sem armamento e preparo, permaneceram um tempo em treinamento com os militares dos EUA e então receberam armas para os combates. Em julho de 1944 entraram definitivamente na guerra.\*

Batalha de Monte Castelo

Soldados do Batalhão Franklin do 1º Regimento

Batalha de Montese

## **Ao cair da noite do dia 14 de abril**

Posteriormente, o município de Montese, liberto e agradecido às tropas vencedoras, homenageou as tropas brasileiras batizando uma de suas praças com o nome “Piazza Brasile”. Ainda hoje é possível encontrar ruínas de posições alemãs na região. A tomada de Montese repercutiu favoravelmente nos altos escalões e mereceu elogios do Comando Americano.

Essa poesia é para esses “desconhecidos” que hastearam a bandeira do Brasil nos solos Italianos.

Eu que fazia poesias  
Fui empunhar armas  
E da alegria  
Que em mim reinava  
Um novo desgosto...  
Novo sem rosto  
Matando sem raiva  
Em terras distantes  
De seu amor

Analfabeto de guerra  
Escrevia para você  
Em tempos, trincheiras  
Procurei suas mãos  
Mas o mundo não conhece  
Essa solidão  
Esse sofrimento  
Angústia que te mata  
Num interno momento  
De paz

Pensava nas nossas conversas  
Sonhando com você  
Quando conseguia dormir  
Pensando em te rever  
Dia que poderia não vir  
E que não veio  
Mas eu queria que você soubesse  
Que estava comigo  
No solo italiano  
Que recebeu meu sangue

Saber que morte te espera  
Nas mãos do inimigo  
Que não te conhece  
Quisera fosse amigo  
Reunidos em prece  
Mas era a morte  
E eu não encontrei sua mão  
Tão fina e delicada  
Na bala que riscava  
A escuridão de minha alma

Mas, vi você neste dia  
Estavas tão linda  
Com flor nos cabelos  
Passeava na minha mente  
Eu imprudente  
Sonhando ainda  
Senti meu espírito livre...  
Finalmente achei suas mãos  
Seu olhar me consolou  
E eu descansei  
No solo que defendi  
E por ele morri

Eu não voltei  
Virei sonho, poesia  
Jamais estarei  
Na vida que pensei  
Estaria.  
Mas muitos voltaram  
E minha luta não foi em vão  
Fiz da minha nação  
Minha glória  
E embora eu não seja lembrado  
Fui um soldado  
Que escreveu com sangue  
Brasil, em terras estrangeiras

E enquanto a cobra fumava  
Eu estava  
Na minha luta  
Fazendo nossa glória  
Em terras desconhecidas  
Num momento sem memória  
Mas que ficou na história  
Da minha alma

Enquanto pensava  
No amor que não mais teria...

Essa é a minha história  
E eu não tenho nome  
Sou um soldado  
Enviado para a guerra  
Sem conhecer o ódio  
Distante de minha terra  
Distante do meu amor  
Mas não há tristeza  
Meu coração está sem dor  
O tempo apagou  
E minha alma cegou  
Qualquer rancor  
Pois se ha tempo de guerra, asneira,  
Ha tempo de amor  
Essa é a paz que agora encerra  
Minha bandeira!

# Imensidão

---

Uma parte minha me parte  
Em pedaços diferentes  
Não tem linhas não há arte  
São partes desconcertantes

Um resto de mim jaz perdido  
Não foi feliz, nem amado  
Outro resto, mal concebido  
No monturo descartado

Um lado que não era visto  
Sem jeito, desengonçado  
Mal desenhado, rabisco  
Era meu melhor lado

Um tanto de mim é sentido  
Ferido mas sabe amar  
Um outro tanto sofrido  
Em solitário penar

Um pedaço de mim senta e chora  
Mas o lado palhaço a sorrir  
Assopra as cinzas da minha hora  
Parece se divertir

Por fim, um lado de mim zomba  
Da minha desconfiança  
Dos meus sonhos infantis  
Quimeras de boba criança



Enfim, quantos lados tem minha vida?  
São tantos, que desconheço  
São partes mal divididas  
Sem início ou começo

Desconfio que fui gerado  
Completamente redondo  
Então eu não tenho lado  
Pela vida tenho rolado  
Quantos tombos que levei  
E de tanto que já quiquei  
Impressiona não ter furado...  
Coitado!



## Valderez de Mello

**Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione** é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Atuante no segmento de reeducação infantil, problemas de distúrbios da aprendizagem, diagnóstico psicopedagógico, orientação escolar e reforço especializado. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras, cadeira nº 31. Membro efetivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, cadeira nº 40. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes, cadeira nº 01. Articulista do **Jornal de Jundiaí** e **Jornal da Cidade de Bauru e Região**. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas, cadeira nº 36. Palestrante na área de educação infantil e reeducação familiar. Autora de livros de histórias infantis, coleção de seis volumes com fábulas acompanhados de músicas de sua autoria que abordam temas educativos e formação de valores. Ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, Psicopedagogia e Direito de família, abordando principalmente a valorização da família para a excelência da educação infantil. Trabalho realizado através de palestras educativas, publicação de artigos em jornais e livros de sua autoria.

# Plenitude

---

Viver em plenitude é deixar pelo caminho  
marcas que a chuva não apaga e o vento não leva...  
É ter a alma sempre pronta para oferecer perdão!  
Presentear quem se ama com abraço tão apertado  
Que consiga alcançar o coração...  
É esquecer o que passou, apagar mágoas...  
Ressentimentos e quimeras sem valor...  
E, sem medo e sem limites, abraçar a vida...  
Enfim, viver intensamente um grande amor!



## Tatiana Rosa

Jornalista, pedagoga e graduanda em Psicologia. Em todas essas áreas, a palavra é o coração – e o que move suas aspirações e inspirações.

## 2041

---

Lembro como se fosse ontem  
Era como uma ferida que não cicatrizava  
O organismo bem que lutava  
Mas o sistema não respondia no compasso de outro tempo.  
Cansado, se entregava ermo  
Nem o respirar involuntário comandava  
Capaz que foi um dia  
De acalmar uma neurose com empatia  
Eram como essa ferida aqueles tempos...  
Melhorava, mas logo sucumbia  
Sob a casca fina a carne umedecia,  
E o sangue de novo transbordava  
Uma ferida crônica, dessas que mal se sabe a fonte  
Se da terra, do bicho, da mata, da gente ou de onde  
Se pensada, escapada, mal intencionada, pragueada ou cuspidada  
Alheia que foi um dia  
À natureza que se recria.  
Era como se o pus da ferida fizesse morada  
E inflamasse aqueles tempos febris  
Tanta droga pra suportar, entorpecer a realidade  
Exposta, vazada, envergonhada  
Dividida, cega, alienada  
Como se a ferida não estivesse ali, real, jorrada  
A crescer e dolorir entranhas enlutadas  
Era um tempo em que a cura não vinha da ferida em si mesma  
Nem culpa era dela, mas carregava a sina de escarrar o sistema,  
As mãos frias que não cuidam, unhas encravadas em frágeis casca.  
Tantas dores nesses ciclos insanos, na pele seca, arrancada.  
Marcas irreversíveis, profundas, eu lembro  
De um tempo em que só o amor cicatrizava.



A esperança e a caridade  
são uma consequência da fé.

[ Allan Kardec ]



Posfácio

## Depois disso tudo passar

---

Quando a chuva cessar  
Vou lembrar dos momentos que vivi  
Recordar dos versos que trocamos  
Do amor que juramos  
Das paisagens que vimos  
Dos amigos que se foram  
De todas as alegrias  
E abrir uma nova janela  
Com a luz do Sol a nos chamar  
Para viver a vida lá fora

Quando esse medo passar  
Não vou sentir mais frio  
Nem pensar nas notícias  
Verdadeiras ou falsas que guiaram  
Infelizmente, essa fase vil

Ah, mas quando ouvir a melodia  
Das crianças brincando de correr  
Rindo como somente podem rir  
Na sua inocência  
Meninos e meninas a brindar  
O calor, a chuva, o vento e o aroma  
De todas as flores acostumadas  
Com toda essa algazarra  
Desse momento pueril



Entendo que, quando  
Tudo isso passar  
Também eu passarei  
Talvez veja cores mais brilhantes  
Ou nada mude em minha visão  
O cheiro das damas noturnas  
Será mais especial?  
O abraço nos amigos  
Terá um frescor diferente?  
O olhar no outro, frente a frente  
Fará brotar uma lágrima  
De saudade de tudo?

Não sei

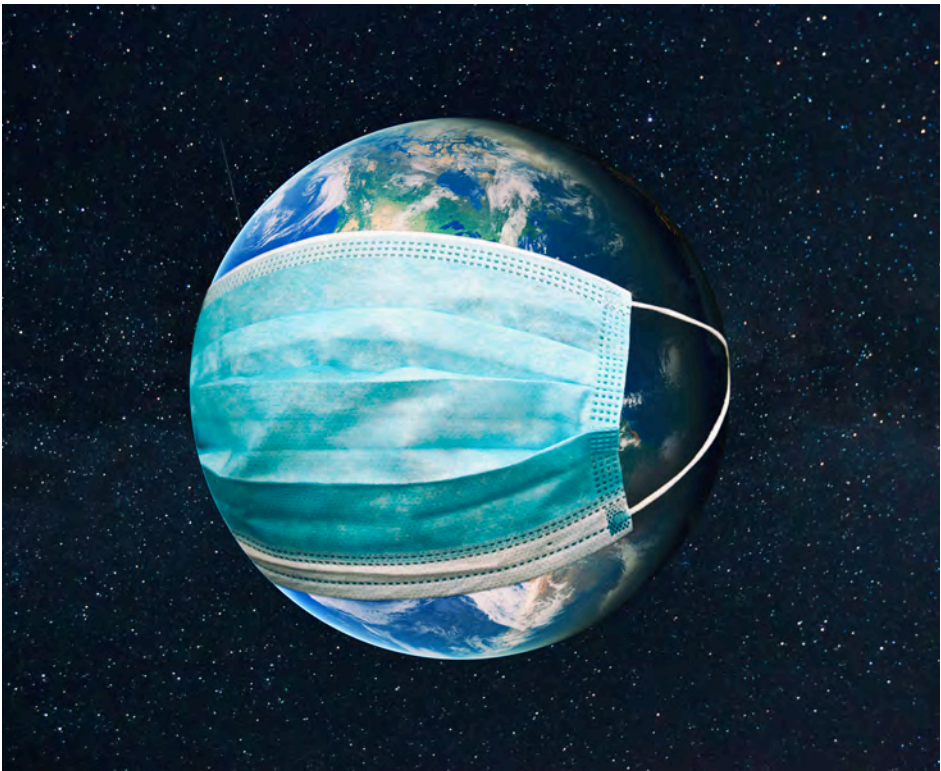
Quando essa tempestade abrandar  
Não vou usar guarda-chuva  
Nem galochas, nem sapatos  
Vou pisar nesse chão de terra  
Sentir as raízes da minha alma  
Infiltrando-se no cerne da Terra  
Criando profundas conexões  
E brotando por todo o planeta  
Quero me molhar  
Deixar escorrer por toda pele  
As lágrimas que caem do céu

Mas uma coisa eu sei  
Que depois disso tudo passar  
Vou ser muito mais feliz  
Deixarei todo o medo de viver  
Arquivado num lado oculto  
Sem acesso nem senha  
Vou mudar os móveis de lugar  
Fazer backup de tudo

Criar novas poesias e livros  
Escrever para o mundo  
Que voltei  
Que estou de volta  
E que nada  
Nada  
Há de fazer cessar  
o meu jeito de viver  
sobreviver  
e amar...

quando isso tudo passar!

Márcio Martelli  
Março/2021





---

Caro Leitor

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Envie suas dúvidas e sugestões  
pelo nosso e-mail:

 [editorainhouse@gmail.com](mailto:editorainhouse@gmail.com)

---

Compre outros títulos em

 [www.livrariainhouse.com](http://www.livrariainhouse.com)


---



editorainhouse



editorainhouse

 11 4607-8747 / 99903-7599

Só é lutador  
quem sabe lutar  
consigo mesmo.

Carlos Drummond de Andrade

**VAI FICAR  
TUDO BEM!**



editorainhouse  
[www.editorainhouse.com.br](http://www.editorainhouse.com.br)